



CARTA ABERTA AO FUTURO GOVERNADOR

Excelentíssimo Senhor Governador eleito, dr. Synval Guazelli.

No primeiro dia do corrente ano de 1975, os jornais de Porto Alegre publicaram com o devido destaque as declarações reivindicatórias de prefeitos de 23 municípios do Estado, endereçadas ao governo de V. Excia, a instalar-se a 15 de março vindouro.

Tendo o município de Ijuí aparecido no citado rol de municipalidades sem que tenha feito reivindicações de caráter oficial, pedimos vênias a V. Excia. para lembrar a necessidade da estrada Ijuí-Três Passos (RS-50), antiga reivindicação da Região Celeiro, e cuja construção no mais breve prazo possível está em identidade com as aspirações de uma coletividade de 200 mil pessoas e onde é colhido cerca de 50% da soja e do trigo que se cultiva no Rio Grande do Sul.

Transcrevemos neste espaço, em forma de Carta Aberta, um resumo do tema de primeira página da edição nº3 deste jornal, que circulou em outubro de 1973, sob o título Ferrovias e Rodovias: Nossas Necessidades, considerando que o assunto continua atual.

Dizia o COTRIJORNAL, naquela oportunidade:

"Estrada Ijuí-Três Passos, uma necessidade inadiável.

O traçado aponta uma extensão de 124 Km., com a estrada fazendo um cotovelo em Santo Augusto e se dirigindo em linha reta até Três Passos. Serão apenas 124 Kms, mas que servirão vários municípios, cujas produções agrícolas explodem em desenvolvimento.

Os municípios servidos diretamente pela estrada em projeto serão, além de Ijuí, Ajuricaba, Catuípe, Chiapetta, Santo Augusto, Coronel Bicaco, São Martinho, Campo Novo, Redentora, Braga, Humaitá, Boa Vista do Buricá, Miraguai, Crissiumal, Tenente Portela e finalmente, Três Passos, o extremo da rodovia.

A importância sócio-econômica da região a ser servida pela rodovia reclamada, supera a que será servida pelo ramal ferroviário Catuípe-Santo Augusto, também reivindicado.

Além de facilitar os transportes e as comunicações em

toda a região a noroeste do estado, a partir do pujante município de Ijuí, ligando-a com o sudoeste catarinense e leste da República Argentina, a estrada aproximará a próspera região celeiro com o centro-sul do estado através da BR-158 (Cruz Alta-Rio Grande); Vacaria-São Borja pela BR-285 e Porto Alegre, pela estrada da Produção.

Três Passos está a 636 Kms. de Porto Alegre e a apenas 124 de Ijuí. Mas dada a precariedade da estrada atual, é muito mais fácil e rápido ir de Ijuí à capital, do que a Três Passos.

O Governo Federal, através do Ministério dos Transportes, trabalha ativamente na conclusão da BR-158, que ligará a região a Rio Grande, partindo do vizinho município de Cruz Alta, e encurtará em cerca de 200 Kms. o roteiro para o futuro Superporto. Isso representará grande dinâmica para o transporte rodoviário regional.

Como ponto de apoio, naturalmente não se pode prescindir da construção da rodovia Ijuí-Três Passos. São apenas 124 Kms, de estrada para servir uma região que abrange 16 municípios em ordem direta, somando exatamente 6.996 Kms. de superfície.

A grande produção em toda a região, é a agricultura. Soja, trigo, milho, feijão, batatinha, entre outros produtos. Mas a região tem tradição na criação de suínos. Em breve, passará também à engorda e criação de bovinos. Projetos de inseminação artificial e de pastagens cultivadas para engorde de gado, são promovidos e mantidos pela COTRIJUI, em colaboração com as prefeituras da região e sindicatos rurais.

Já se vê que em breve, além da grande demanda para transporte de gêneros agrícolas, também os gados bovino e suíno pedirão passagem para os locais de abate e exportação. E só estradas em boas condições de trafegabilidade poderão dar a vazão exigida pelo progresso.

Era o que tínhamos a levar ao conhecimento de V. Excia, senhor governador, quando o eminente homem público prepara-se para assumir a chefia do Executivo Gaúcho.

COTRIJUI: REALIZAÇÕES DE 74 E PERSPECTIVAS PARA 75



No dia 28 de dezembro, o diretor-presidente da COTRIJUI, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, reuniu a imprensa de Ijuí e região com a finalidade de prestar declarações coletivas sobre as realizações da cooperativa no decorrer do ano findo de 1974. Pelo espaço de 50 minutos, o dirigente cooperativista falou aos homens da imprensa, discorrendo sobre os empreendimentos principais da organização no ano que passou e antecipando-se sobre algumas realizações em pauta para o corrente ano. Após a entrevista, que foi concedida no gabinete da presidência, a direção da COTRIJUI homenageou os jornalistas com um churrasco na sede da Afucotri, na Linha 3 Oeste. Veja detalhes da entrevista na página 5.

NESTA EDIÇÃO:

SECRETÁRIO DA AGRICULTURA PREGA A SOJA PREÇO MÉDIO

Página 2

OS AMERICANOS E A HISTÓRIA DAS LÁGRIMAS DE CROCODILO

Página 3

VEJA O QUE FOI A GUERRA DE SECESSÃO NA AMÉRICA

Páginas 10 e 11

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA

Rua: José Hickembick, 66
 Caixa Postal, 111
 Fones: 2160 - 2161 - 2162
 Inscr. 065/000770
 Inscr. INCRA Nº 248/73
 C.G.C. 90 726 506/001

ADMINISTRAÇÃO

Direção Executiva:
 Presidente: Ruben Ilgenfritz da Silva.
 Vice-presidente: Arnaldo Oscar Drews.
 Superintendente: Clóvis Adriano Farina.

Diretores: Alceu Carlos Hickembick e Euclides Casagrande.

Conselheiros efetivos:
 Alberto Sabo, Amaury Marks, Alfredo Driemeyer, Carlos Krüger, Itelvino Sperotto e Reinoldo Luiz Kommers.

Suplentes:
 Elcides José Salomoni, Hugu Lino Costa Beber, Renaleto Fontana e Zeno Foletto.

Conselho Fiscal efetivos:
 Herbert Hintz, Alfredo Schmidt e Bráulio Martins da Rocha.

Suplentes:
 José Claudio Kohler, Duilio Fachin e Germano Reinaldo Beutinger.

Armazéns:

Sede - Ijuí	98.000 T.
Santo Augusto	77.000 T.
Chiapetta	20.000 T.
Coronel Bicaco	20.000 T.
Tenente Portela	10.800 T.
Vila Jóia	20.000 T.
Rio Grande	220.000 T.
Em construção:	
Augusto Pestana	20.000 T.
Ajuricaba	20.000 T.

**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigido ao quadro social).

EXPEDIENTE

Redação e Administração:
 Rua José Hickembick, 66 Cx. Postal, 111 - Fone 2160.
 Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob nº 9

Redator: Responsável-
 -Raul Quevedo-
 registro profissional no MTPS.
 1176 matrícula no SJPPA nº 550 sócio da Associação Riograndense de Imprensa nº 1571.
Colaboradores: Rui Polidoro Pinto e Rui Michel.

Composto e impresso nas oficinas do "Jornal da Manhã", - Gráfica e Editora Jornalística Sentinela Ltda.

EDITORIAL
SÍMBOLOS À ECOLOGIA

Tramita na Câmara dos Deputados, mais precisamente na Comissão de Educação e Cultura, projeto-de-lei que tem em vista criar, para símbolo vegetal de nosso país, o pau-brasil. A fixação de uma essência vegetal em diploma legal, que teria o efeito preliminar de ser festejado nas escolas anualmente, pelo menos no Dia da Árvore, tem excelente significado cívico, moral, patriótico e cultural à nossa juventude.

Ocorre que os senhores deputados, seja por excesso de zelo e carinho pelas verdadeiras dádivas com que a natureza brindou o nosso país, seja porque cada um queira aparecer no diploma legal com a participação de pelo menos um item de emenda, travam batalha verbal em termos da escolha da essência de nossa flora a ser decretada como símbolo nacional.

A opinião dos senhores deputados da Comissão de Educação e Cultura, está dividida e, por consequência, fracionada. Uns pretendem ter como símbolo o ipê amarelo, outros a vitória régia, outros a palmeira, pau-brasil e até o café, que aliás já figura nas armas nacionais.

O deputado Plínio Salgado, seja pelo eterno fascínio do verde, pois não há a negar que o retilíneo vertical das palmeiras é visível de maior distância, é pela "Naturalis Palmarum". Para o deputado Plínio Salgado, "se prescudarmos as origens de nossa história, iremos encontrar os índios tupi descendo a cordilheira dos Andes em busca da terra das palmeiras, onde Gonçalves Dias celebraria depois o canto dos sabiás e o gorgueio de outros lindos canoros dos milhares que enriquecem a fauna alada brasileira.

Pois se nos permitirem os doutos senhores deputados, sugerimos que aproveitem todos os nomes apontados e muitos outros, criando não só símbolos à flora mas também a fauna, conforme fizeram os norte-americanos (vide COTRIJORNAL nº 15). Teríamos assim, símbolos estaduais. Por exemplo: São Paulo, o café; Paraná, o pinheiro; a Bahia, o cacau; o Amazonas, a borracha ou a própria vitória régia; Ceará, a palmeira; Rio Grande do Sul, o umbu, o angico, o salso, entre várias opções igualmente válidas.

Mas a fauna não pode ser esquecida. No Rio Grande do Sul teríamos, como ave símbolo, a ema, o João-de-Barro, o quero-quero, enfim, é tal riqueza de variedades que seria fastidioso enumerá-las. A flor é também símbolo obrigatório no sentido de influência da infância.

Vamos aguardar a retomada dos trabalhos parlamentares. Talvez os senhores deputados, ao reassumirem suas tribunas, lembrem que neste país gigantesco há milhares de escolhas no mundo da flora, da fauna e da botânica, que servem de símbolos altamente válidos e necessários à formação mental de nossa juventude.

PERSPECTIVA**SOJA PREÇO MÉDIO**

Ao retornar de viagem feita aos Estados Unidos, onde visitou vários estados produtores agrícolas e inclusive a Bolsa de Cereais de Chicago, o secretário da Agricultura, sr. Edgar Irio Simm, em declarações feitas à imprensa de Porto Alegre, disse que "o agricultor deve vender aos poucos sua produção de soja neste ano de 1975, procurando obter um preço médio que lhe traga uma remuneração satisfatória".

Em outro trecho de sua entrevista, o secretário Irio Simm enfatizou que "o produtor não deve especular. A grande lição que recebemos em 1974 é que devemos conhecer as leis de mercado e buscar sempre o preço médio, jamais o maior preço".

A COTRIJUI, de há muito está convencida dessa necessidade.

Em reunião de seu conselho de administração, a 4 de fevereiro de 1974, sistema esse que foi seguido de ampla publicidade nas emissoras e jornais da região, principalmente no COTRIJORNAL, a cooperativa lançou o sistema chamado Sistema Cotrijui de Comercialização de Soja, para o seu quadro social.

O Sistema Cotrijui de Comercialização de Soja, democrático, como não poderia deixar de sê-lo, em se tratando de cooperativismo, dá opção ao produtor que pretenda especular com o seu produto. A cooperativa aceita o produto também na modalidade soja em depósito, que equivale ao preço do dia. Mas sua essência, a sua filosofia, tem como objetivo a implantação do preço médio, como única fórmula válida e capaz para que se obtenha a formação de um preço de melhor peso, na computação de mercado a nível internacional.

Aliás, o sistema que também foi adotado na safra passada por outras cooperativas da região, além da COTRIJUI, mostrando um bom comportamento de mercado na área, está sendo aconselhado pelo Projeto Alto Uruguai de Desenvolvimento do Cooperativismo - PIDCOOP - órgão mantido pelo INCRA, para aplicação por todas as cooperativas da área do PIDCOOP.

É salutar para a COTRIJUI, constatar agora que também o sr. Secretário da Agricultura entusiasma-se pelo sistema e passa a aconselhá-lo através de seus pronunciamentos pela imprensa.

No que se refere ao seu quadro social, a perspectiva ideal é que este também se conscientize da vantagem do preço médio, entregando a sua soja para que a cooperativa vá vendendo em lotes, dentro das possibilidades e melhor feição de mercado, para a formação do preço médio para rateio.

A soja, no mundo, está qualificada na característica de negócio violento, de caráter explosivo, tão violento quanto o ouro ou o petróleo, dada a escassez crescente de proteínas e a tendência de aumento geral da fome. Dai, conforme ressaltou o Secretário da Agricultura, as alterações de preços, inevitáveis em razão de dias e até de horas, com o que é fácil de confundir os produtores. Em face do exposto, pode se concluir que a melhor perspectiva que apresentamos neste início de ano, é a conscientização de nossos produtores na vantagem da modalidade preço médio.

OS AMERICANOS E A HISTÓRIA DA LÁGRIMA DE CROCODILO



Venceslao Soligo
Nosso Correspondente na Itália

Kile Randall, presidente da Junta de previsão do Ministério da Agricultura dos Estados Unidos, afirmou durante a Conferência Anual de Perspectiva Nacional de Safra nos EUA, que os agricultores norte-americanos deverão ser incentivados a aumentar sua produção em 1975, a um nível recorde.

A justificativa para o estímulo apresentada por Mr. Randall é a "forte demanda e preços altos registrados em 1974". Também a produção da carne bovina deverá crescer de 8 a 9% em relação a 1974, segundo a previsão feita pelo alto funcionário norte-americano.

No mesmo momento em que Kile Randall fazia tais afirmações otimistas quanto a previsão para o ano que se inicia, o Departamento de Estatística do Ministério da Agricultura liberava a informação de que os "EUA já comercializaram o grosso de suas safras de 1974, pelas quais obtiveram altas cotações".

Não é difícil de se concluir que a história (ou estória), vai se repetir neste ano. Agora, quando os países do Hemisfério Sul, como o Brasil, esperam aumentar o índice de suas colheitas, o Ministério da Agricultura dos EUA começa a preparar a opinião pública dos países fornecedores de matéria-prima para o seu "jogo" de grandes colheitas. É que agora, os americanos tem interesse em disseminar essa imagem de abundância.

O americano é muito flexível em questões de otimismo e pessimismo. No ano passado, em princípio de agosto, após terem os países produtores de grãos negociado suas produções, e quando a eles passou a ser interessante o aumento dos preços, apressaram-se em divulgar notícias catastróficas em relação a safra americana.

O artigo que publicamos nesta mesma página, sob o título "De volta aos dias de poeira", é a tradução da matéria "Back to dust bowl days", publicada na revista Times, de 12 de agosto de 1974. Nela, nossos leitores poderão analisar os métodos usados pelos americanos, quando se trata de influenciar a opinião pública para esta ou aquela causa.

O assunto dramatizado na reportagem é a seca. Trinta dias após a veiculação dessa matéria 120 agricultores da região da COTRIJUI, inclusive o redator, visitaram parte da região "assolada pela seca", conforme o dramatizado na reportagem. Mas o que se constatou, salvo pequenos danos ocasionados por geadas esparsas na região de Illinois, foram lavouras de milho e soja no norte e algodão no centro-sul, já praticamente em fase de boas colheitas.

Mas passemos a leitura da reportagem da revista Times. Sua análise mostrará que os americanos costumam derramar lágrimas de crocodilo...

DE VOLTA AOS DIAS DE POEIRA

(Traduzido da revista norte-americana, TIMES, edição de 12 de agosto de 1974, com pequenas considerações adicionais para a melhor compreensão de nossos leitores.)

Primeiro vieram as chuvas torrenciais da primavera, varrendo milhares de acres cultivados na faixa do Meio Oeste americano, trazendo uma grande crise para os campos e atrasando o plantio de novas colheitas. Então a chuva cessou, e por mais de um mês o sol brilhou como um congo de latão num céu sem nuvens. E enquanto as semanas se sucediam sem chuvas, o sol crestou o solo e deixou os talos de milho quebradiços, raquíticos e mortos.

Do sul de Dakota ao Texas, do oeste do Kansas a partes de Ohio, o mais terrível tempo de uma geração, está se tornando o espectro do desastre econômico para os agricultores do Meio Oeste e dos negociantes que dependem deles. A grande seca está diminuindo diariamente o que se esperava seria um excepcionalmente grande campo de milho, soja e outros cereais. As safras da primavera, de trigo, aveia e cevada, também estão sendo reduzidas.

Esta é a pior crise desde 1934, diz o agricultor de Nebraska, Harold Bueth. Acrescenta Gary Luth, do Illinois: "No ano passado, por esta época, minha soja estava numa altura que ia da cintura ao queixo. Agora está numa altura que vai do tornozelo ao joelho". A menos que haja uma mudança neste clima maléfico ainda nesta semana, as colheitas de milho estarão devastadas; as plantas de soja começarão a secar dentro de semanas.

Mesmo que as chuvas cheguem logo, esta baixa na colheita certamente causará a queda do potencial num nível bem abaixo das quantidades necessárias para conter a inflação no custo da alimentação. Diz Jim Tippet, um funcionário do Departamento Agrícola de Illinois: "Nós necessitamos agora de um clima quente, úmido, com chuvas abundantes, aquela espécie de clima que faz as pessoas sofrerem". Na semana passada caiu alguma chuva no Meio Oeste, mas os entendidos disseram que não foi suficiente para conter a seca.

RENDA ACANHADA

Em parte devido à seca, o Departamento de Agricultura revisou suas estimativas para a safra do milho, de 6,7 bilhões em maio para 5,9 bilhões de alqueires duas semanas atrás. Desde então as condições tem se tornado piores e na última semana a Associação Nacional de Plantadores de Milho (National Corn Growers Association) estava prevendo que a safra do milho cairia significativamente abaixo de 5,5 bilhões de alquei-

res contra 5,6 bilhões no ano passado.

Em Nebraska, o estado que sofreu maiores danos nas plantações, os agricultores "terra seca" (que plantam sem irrigação artificial) reconhecem que já perderam 75% dos 235 milhões de alqueires de milho que esperavam. Muitos agricultores estão retendo o pouco que possuem e uma falta de alimentação no Nebraska atinge o recorde de 7,5 milhões de cabeças de gado, fato que castiga tremendamente os fazendeiros. Ao todo, a renda agrícola no Nebraska pode encolher em dois bilhões de dólares este ano. As perdas de Iowa e Kansas são estimadas em três bilhões de dólares, cada um.

A seca também está castigando o Illinois, onde a soja, pelas previsões mais recentes, deverá cair em 20%. Agricultores de Oklahoma estão conseguindo somente três cortes de feno ao invés de cinco e os campos de trigo da safra da primavera no Dakota do Norte têm sua previsão severamente reduzida. Os governadores do Nebraska, Iowa e Dakota do Sul, declararam seus estados como áreas de calamidade pública.

Na conferência de governadores do Meio Oeste, realizada na semana passada em Minneapolis, foi aprovada resolução que concede aos agricultores atingidos, ajuda no Programa de Preços Mínimos. Para pequenos agricultores, a seca pode significar a ruína.

Por exemplo, Kenneth Grove, que investiu muito em inseticidas e fertilizantes para cultivar seus 220 acres em Tecumseh, no Nebraska, colheu apenas o suficiente para alimentar suas 80 cabeças de gado.

APESAR DE QUE AINDA NÃO SE ESTÁ ANTECIPANDO ESCASSEZ (o grifo é nosso para ressaltar a contradição), a perspectiva de menores colheitas já está fazendo subir o preço dos produtos agrícolas. Depois de um declínio por quatro meses (período em que os países sub-desenvolvidos possuíam produtos à venda) os preços das matérias-primas voltaram a subir na ordem de 6%. No mesmo período, o preço da carne no mercado atacadista subiu 16%. O preço do milho no "Chicago Board of Trade" subiu na semana passada para 3,65 dólares por alqueire, contra apenas 1,00 dólar em junho. Mas alguns negociantes acreditam que logo vai a 5,00 dólares ou ainda mais. Ao mesmo tempo, o preço da soja subiu de 5,25 dólares o alqueire em junho para 8,50 e o trigo, de 3,45 para 4,35 dólares.

Tilford Gaines, economista chefe do Manhattan's Manufactures Hanover Trust Co., prevê que a alta do custo da alimentação manterá o custo de vida subindo pelo resto do ano, prevendo, entretanto, um afrouxamento em dezembro (curiosa previsão, afrouxamento em dezembro, quando tudo tende a subir em virtude das festas de Natal e fim de Ano). E volta Gaines a ameaçar com o cutelo dos preços altos: "Com exceção dos anos de 1946 e 1920 (curioso que o economista haja esquecido os anos de depressão de 1929/30), provavelmente teremos o pior ano da história em inflação nos produtos de consumo.

As perspectivas para exportação de produtos agrícolas que a Casa Branca esperava compensassem o enorme custo na importação de combustível, são incertas. Europeus e outros estrangeiros estão esperando safras satisfatórias de trigo e cereais e estão menos ansiosos do que nos últimos anos em comprar produtos agrícolas dos Estados Unidos. (Voltamos a estranhar que num mesmo artigo, onde se anuncia dramaticamente tal frustração de safras, os norte-americanos considerem incerta essa possibilidade; mas não pela frustração em si, mas "porque os europeus e outros estrangeiros estão esperando safras satisfatórias de trigo e cereais e estão menos ansiosos do que nos últimos anos em comprar produtos agrícolas nos EUA".

E no tópico a seguir, a preparação da opinião pública e dos governos sub-desenvolvidos para o aumento dos preços, acenando com o terrível espectro da fome no mundo: "Porém um declínio adicional na colheita americana pode bem iniciar uma corrida de compradores estrangeiros desejosos de armazenar reservas como garantia contra futura escassez. Isso pode significar um benefício para a balança comercial americana, mas isso também pode concorrer para alterar ainda mais os preços. Acrescente-se ainda que milhões de pessoas na Ásia e África estão vivendo à margem da fome e esperando dos EUA auxílio em programas alimentícios para a sobrevivência.

E finaliza o artigo da Times, voltando à linguagem dramática do terrível cataclismo que teria se abatido em terras da América: "Se continuar o cerco deste clima que está matando as plantações nas terras que ficam no coração da América, este ano pode muito bem significar um aumento na taxa de mortalidade nas regiões de fome, que vão da África à Calcutá".



A lavoura de encosta deve ser evitada.

A LUTA DA IMPRENSA PELA PRESERVAÇÃO DA NATUREZA

O jornal Folha da Tarde, de Porto Alegre, órgão da Companhia Jornalística Caldas Junior, em sua edição de 26 de dezembro, focalizou a devastação que se processa no pouco que ainda nos resta de matas. O alarma focalizado pelo órgão de imprensa porto-alegrense, aliás muito bem amparado por estatísticas atualizadas e focalizando pontos-de-vista de autoridades e técnicos responsáveis pela ecologia, somou mais um esforço da imprensa, que nos últimos anos

vem dando o necessário enfoque ao momentoso assunto.

Citando o Correio do Povo, órgão da mesma empresa jornalística, disse o comentarista que em editorial de 24 de dezembro último, o jornal comentou "que em meio ao impetuoso desenvolvimento agrícola da região setentrional do estado, em que as lavouras se multiplicam de forma surpreendente, há razões para temer.

Na verdade — destaca o jornal — se tais lavouras são pro-

messas de grandes safras, no momento em que o mundo vê um imoderado crescimento de sua população e de maiores limitações de áreas aproveitáveis economicamente, o que se teme é o deserto.

O jornal tem razão. Não há dúvida que marchamos aceleradamente para a desertização de nosso território. E certo também que medidas enérgicas e imediatas devem ser adotadas pelas autoridades responsáveis.

HOMEM, MEIO AMBIENTE E POPULAÇÃO

A Sociedade Civil de Bem-Estar Familiar no Brasil — BEMFAM, com sede no Rio de Janeiro, aproveitando o ano de 1974 como Ano Mundial da População designado pela Organização

das Nações Unidas, patrocinou o concurso jornalístico Homem, Meio-Ambiente e População, no qual foram inscritos trabalhos de jornalistas de todo o país.

O COTRIJORNAL,

por sua reportagem intitulada "O homem precisa salvar o seu mundo", publicada na edição de julho, foi inscrito como participante do concurso, cujo diploma, enviado ao redator responsável, aparece na ilustração.



B E M F A M
Sociedade Civil
de Bem-Estar Familiar no Brasil

1974
Ano Mundial
da População



CONCURSO JORNALÍSTICO HOMEM, MEIO-AMBIENTE E POPULAÇÃO CERTIFICADO

Certificamos que o Sr. RAUL QUEVEDO
participou com a reportagem "O Homem Precisa Salvar seu Mundo"
publicada no Cotrijornal - Porto Alegre - (RS)
no CONCURSO JORNALÍSTICO "HOMEM, MEIO-AMBIENTE E POPULAÇÃO",
de caráter nacional, promovido pela BEMFAM.

Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1974.

DR. WALTER RODRIGUES
Secretário-Executivo

LUIS M. ALLER ATUÇA
Coord. do Depto. de Informação
e Educação

É HISTÓRICO O MAL DA AGRICULTURA GAÚCHA

Na verdade, o mal da agricultura rio-grandense, é histórico. Primeiro foram ocupados os campos, as planícies de campanha gaúcha. Distribuídas através de cartas de sesmaria para comandantes de armas que, justiça se lhes faça, lutaram bravamente para manter a integridade do território brasileiro à margem da cobiça castelhana. Ocorre que esses patriotas, consolidada a pátria brasileira, radicaram-se definitivamente na campanha e dedicaram-se à criação de gado em região que a agronomia considera como de terras nobres para a agricultura.

Quando a partir da Independência D. Pedro pensou em termos de agricultura para o Brasil, naturalmente não se pensava em ecologia. Os termos erosão, conservação de solo, preservação do meio ambiente, são palavras relativamente atuais. Quando o Visconde de São Leopoldo apresentou ao Príncipe

Regente o plano de imigração dos alemães, que se consolidou em 1824, a idéia se fixou no fértil e plano Vale dos Sinos, talvez por ser região próxima a Porto Alegre. Tanto é verdade, que se tivesse havido um planejamento lógico para a localização dos colonos alemães em 1824, 50 anos após, isto é, em 1875, quando começaram as imigrações de italianos, estes não teriam sido enviados para a região penhascosa da serra. Na verdade, foi aí que começamos a transformar o Rio Grande do Sul em deserto. O nosso mal maior foi o erro de localização de nossos agricultores.

Cultivamos o solo em declives, onde somente deveria existir pastagens ou matas e mantivemos intocado o solo plano, de planície, considerado de padrão nobre para a agricultura.

Como se pode constatar, é histórico o mal aproveitamento da nossa agricultura.

GRADUAÇÃO EM ECOLOGIA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

A partir de junho, a Universidade de Brasília vai promover um curso de ecologia a nível de graduação e mestrado. Os professores serão ingleses e brasileiros. O curso é resultante de acordo assinado entre a Academia Brasileira de Ciências, o Conselho Nacional de Pesquisas, o Financiamento de Estudos e Projetos (FINEP)

e as Universidades de Edimburgo — Inglaterra — e de Brasília.

A Universidade de Edimburgo é considerada um dos melhores centros de ecologia da Grã-Bretanha.

Os alunos serão escolhidos entre os graduados em biologia, medicina, geologia e química, participando do curso sem necessidade de vestibular.

OS URUGUAIOS E SEU AMOR PELAS ÁRVORES

★ Em Rivera, no Uruguai, quem quiser arrancar uma árvore precisa tirar uma licença especial no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Intendência (prefeitura) e pagar uma taxa de dois mil pesos uruguaios. Quem arranca sem licença pega uma multa de 30 mil pesos.

COTRIJUI: REALIZAÇÕES DE 1974 E AS PERSPECTIVAS PARA 1975

No último dia do ano de 1974, o diretor-presidente da COTRIJUI, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, convocou a imprensa da região para detalhar as principais realizações da cooperativa no decorrer do ano recém findo, e falar sobre as perspectivas de realizações no decorrer deste ano.

Diante dos jornalistas e radialistas de Ijuí e região, antes de submeter-se às perguntas, Ruben Ilgenfritz da Silva falou pelo espaço de 50 minutos, dando os diversos enfoques das realizações da cooperativa. Destacou em seu pronunciamento, o projeto para a instalação, a curto prazo, da nova fábrica de óleo vegetal (de soja) junto ao Terminal Graneleiro em Rio Grande; o plano para instalar duas mil famílias de agricultores associados na Amazônia, região de Altamira, projeto esse que deverá motivar a criação da COTRIJUI-NORTE e a mudança para a nova sede, junto ao complexo da fábrica e armazéns em Ijuí, na metade do corrente ano.

O presidente destacou que o Projeto Amazônia, dada a sua grandeza e mesmo à responsabilidade que cerca a cooperativa, que foi escolhida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária para levar avante o projeto tendo em vista o êxito de realizações consideradas relevantes pelas autoridades, como é, por exemplo, o caso do Terminal de Rio Grande, será realizado a longo prazo, provavelmente em dez anos.

Sobre as realizações da cooperativa, em 1974, o sr. Ruben Ilgenfritz da Silva, que iniciou sua palestra agradecendo o apoio que tem recebido da imprensa não só da região, mas de todo o estado e mesmo do país, começou por falar sobre a sistemática de comercialização de soja, segundo o sistema de preço médio implantado pela cooperativa. Além de referência elogiosa por parte do quadro social, cuja maioria optou pelo sistema já no primeiro ano de implantação, outras cooperativas adotaram o sistema, que foi elogiado pelo Projeto Alto Uruguai de Desenvolvimento do Cooperativismo, durante

seminário realizado na cidade de Irajá, em novembro último. Aliás, o Sistema Cotrijui de Comercialização de Soja vem de ser aconselhado pelo Secretário da Agricultura, sr. Edgar Irio Simm, em pronunciamento feito há dias e publicado pela imprensa de Porto Alegre.

O eng. Ruben Ilgenfritz da Silva falou sobre as obras da cooperativa, destacando que as obras físicas do Terminal de Rio Grande, estão concluídas, constando de oito armazéns com capacidade estática global de 220 mil toneladas, o pier de embarque com capacidade de 2.000 toneladas por hora e capacidade de recebimento rodo-ferroviário-fluvial, de 800 toneladas por hora. Essa obra, enfatizou o eng. Ruben Ilgenfritz da Silva, concluída em 1974, tinha compromisso contratual de conclusão no fim de 1975. Concluiu-se, portanto, um ano antes do prazo previsto. A seguir, falou sobre as obras realizadas e em realização em toda a região de atuação da cooperativa, constando da construção de armazéns em Augusto Pestana e Ajuricaba, com a capacidade de 40 mil toneladas estáticas; instalação de supermercados nos municípios de Tenente Portela e Santo Augusto e em fase final de instalação em Ajuricaba.

O presidente destacou também, pelo caráter pioneiro do empreendimento, a viagem de 120 agricultores da região aos Estados Unidos, com a finalidade de observar as regiões tipicamente agrícolas daquele país cuja tradição e tecnologia aplicada na agricultura e pecuária, é digna de ser observada.

Ressaltando a grande participação dos associados que em assembléias ou através de reuniões dos núcleos, em participação direta, ou indiretamente, através dos conselheiros eleitos, o presidente destacou o aumento de recepção do produto, dando destaque para a soja, cujo aumento foi de 40 por cento em relação ao ano anterior. Podemos dizer que o ano de 1974 foi um ano cheio; um ano em que se chegou ao final, satisfeito. Apesar de não ter realizado tudo o que se pretendia, a soma

dos resultados alcançados é altamente satisfatória, sentenciou.

A cooperativa está com sua infra-estrutura, com sua base, devidamente alicerçada. Tem uma capacidade de recebimento estático de produtos somente na região de produção que alcança 240 mil toneladas e mais 40 mil toneladas que entrarão em operação já na próxima safra. Somadas às 220 mil toneladas no Terminal de Rio Grande, alcança um total de meio milhão de toneladas estáticas, o que quer dizer, a maior tonelagem do estado pertencente a uma só organização cooperativista ou empresarial.

No que se refere à sua infra-estrutura básica, a COTRIJUI está perfeitamente equipada. De sorte que a partir do corrente ano, vamos dedicar-nos aos dois grandes projetos, sendo o Projeto Amazônia, de cunho eminentemente social e a fábrica de óleo em Rio Grande, que é de conotação econômica e financeira. Será uma grande fábrica que se dedicará à produção de óleo exclusivamente para exportação e sem prejuízo do funcionamento da fábrica de Ijuí, que continuará a produzir o óleo refinado de cozinha, Mucama. Ainda do ponto-de-vista social, disse o presidente Ruben, a cooperativa ampliará as instalações do hospital de Santo Augusto, que deverá ser remodelado.

Após a entrevista, que foi concedida no gabinete da presidência, na sede, às 11 horas da manhã, a cooperativa recepcionou os jornalistas e convidados com um galeto, servido na Associação dos Funcionários, na Linha 3 Oeste.

Após o galeto, o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva voltou a falar, desta vez para homenagear os jornalistas, aos quais, disse, a cooperativa deve muito, tendo em vista a divulgação de seus empreendimentos, tendo agradecido, em nome de todos os jornalistas, o dr. Ulrich Low, diretor do Correio Serrano. A festa de confraternização cotrijui-imprensa, prolongou-se até às 15 horas.

SANTO AUGUSTO JÁ TEM SUPERMERCADO COTRIJUI

Desde o dia 14 de dezembro está funcionando um novo supermercado da COTRIJUI. Trata-se do supermercado de nº 3, instalado em Santo Augusto, junto aos armazéns da cooperativa, nos arredores daquela cidade.

com a entrada em operação do supermercado de Santo Augusto, aumentou para três as unidades desse tipo de prestação de serviço, que a cooperativa mantém a seu quadro social. Funcionam há mais tempo unidades semelhantes em Ijuí e Tenente Portela.

Já se encontra na fase final de instalações, devendo ser inaugurado proximamente, o supermercado de Ajuricaba. Projetados para instalação em futuro próximo, também os supermercados de Augusto Pestana cujo armazém-graneleiro está em fase de construção e em Chiapetta e Vila Jóia.

Na fotografia aparecem o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, e os diretores Alceu Carlos Hickembick e Euclides Casagrande, no dia da entrada em serviço do supermercado santo-augustense.

NORDESTE ENTRA NO PLANTIO DA SOJA

O governo do Estado do Piauí lançou o Projeto da Introdução da Cultura da Soja no estado, baseado em recomendações da Estação Experimental do Ministério da Agricultura, em Teresina, que apontaram, de início, 11 municípios do Estado em condições de produzir, a cálculos pessimistas, 1.320 quilos por hectare, correspondentes a uma receita mínima de Cr\$ 1.210.00.

Paralelo ao lançamento do Soja-Pi, o Governo iniciará a implantação de uma usina-piloto para processamento do grão da soja, no Distrito Industrial de Teresina, visando principalmente a produção de farinha,

em pequena escala, para melhorar o padrão nutricional da população em idade escolar, devendo o restante da produção inicial ser absorvido por uma empresa privada do Maranhão — Oleaginosas Maranhenses S/A — que já se propôs a adquirir toda a soja que vier a ser consumida no Piauí.

Considerando que o setor primário contribui com cerca de 45 por cento na formação da renda interna do Piauí e que 82,5 por cento da superfície do Estado estão incluídos no Polígono das Secas, com grandes extensões inexploradas, o Soja-Pi pretende, com cultura da soja, fortale-

cer a economia agrícola local e elevar a renda individual dos agricultores que a ela venham se dedicar. O projeto visa ainda promover a técnica da agricultura, criando exemplos de atividades mecanizadas e uso de práticas mais avançadas de exploração do solo, como são as exigidas pela cultura da soja. São, também seus objetivos: orientar, assistir e apoiar o produtor nesse sentido, de modo a assegurar o atendimento da demanda de matéria-prima pela usina-piloto a ser instalada e parte da demanda já existente no meio-norte do País.

COTRIJUI HOMENAGEOU EX-GERENTE DO BB

Com um jantar servido na Sociedade Recreativa, na noite de 30 de dezembro, a COTRIJUI prestou sua homenagem ao sr. Mário Beck, que gerenciou o Banco do Brasil em Ijuí pelo espaço de cinco anos e acaba de ser transferido para a agência do estabelecimento, na cidade de Santa Maria.

Esteve presente a homenagem ao sr. Mário José Beck toda a diretoria, os conselhos de ad-

ministração e fiscal e altos funcionários da COTRIJUI, acompanhados das esposas.

Falou na oportunidade o diretor-presidente, eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, que ressaltou a amizade que o homenageado grangeou com as classes econômicas de Ijuí e região, durante seus cinco anos de gestão a frente do estabelecimento oficial de crédito, bem como com a sociedade local. Ressaltou de maneira particular sua atenção

para com a cooperativa e os excelentes serviços prestados à mesma, como responsável pelo Banco do Brasil aqui.

Agradecendo a homenagem de que foi alvo, o sr. Mário Beck, após colocar-se à disposição da cooperativa em Santa Maria, disse que levava de Ijuí e dos ijuienses as melhores recordações. Disse que de coração aberto e já saudosos de seus amigos daqui, colocava-se a disposição de todos na nova morada.



REPORTAGEM

AGRICULTURA EM 100 ANOS

O jornal "O Estado de S. Paulo" completou um século de existência no dia 4 de janeiro corrente. Nascido a 4 de janeiro de 1875 com o nome de "A Província de São Paulo", nome que mudaria para o atual em plena era republicana, o

"jornal dos Mesquita, ou ainda o "Estadão", como é também chamado, tem sido nesses 100 anos de existência um baluarte da imprensa livre; verdadeiro bastião na defesa da palavra e dos fundamentos da ordem democrática. Ativo, por vezes até

soberbo na defesa de seus ideais, tem sofrido as consequências dessa altivez e dessa audácia em várias fases da vida brasileira. Há cerca de 20 anos, tendo em vista uma maior prestação de serviço à agricultura nacional, o "O Estado" começou

e editar um Suplemento Agrícola semanal, sendo o primeiro grande jornal brasileiro a disseminar um jornalismo eminentemente agrícola. A reportagem abaixo, "Agricultura em 100 Anos", do Suplemento Agrícola

que circulou com a edição centenária do grande jornal paulistano, é a homenagem do COTRIJORNAL ao veículo de comunicação que mais tem dignificado os primados da imprensa e o jornalismo como profissão.

Os últimos cem anos da vida agrícola brasileira podem ser mais bem analisados quando se considera preliminarmente o desenvolvimento da faixa litorânea, desde o Rio Grande do Sul até o Pará, naturalmente com maiores concentrações em várias áreas enquanto outras permaneceram mais ou menos estancadas. Em Cananéia, na ilha de São Sebastião, em São Paulo; no litoral da Bahia, até o Recôncavo, em Alcantara, Maranhão, e nas proximidades de Belém do Pará, existem ruínas ou muros de pedra, demonstrando em grande parte, demonstrando a opulência dos tempos idos.

Restos de grandes construções ou chaminés isoladas também atestam a exuberância de uma civilização que se aproveitou da fertilidade do solo e, juntamente com a cultura da cana, para a indústria de açúcar mascavo e de rapadura, bem mais nutritivos que o atual açúcar sofisticado, e a cultura do arroz, colhido até há pouco tempo com canivete, no Vale do Ribeira, mostram a agricultura extrativa ao lado da sobrevivência.

Há 100 anos, o café descera de Pernambuco, instalara-se no Vale do Paraíba e se deslocara para a região de Campinas. Esse movimento sucedeu ao da cana que também se deslocara para o sul à medida que se conquistava o País. Nas primeiras décadas deste século, havia culturas de café de quase 100 anos, ainda econômicas, quando recebiam fartas adubações orgânicas. A grande maioria, porém, já se encontrava em franca decadência, de modo que essa lavoura se transferia para o Norte e para o Oeste do Estado, onde teve vida mais curta: 50 a 60 anos na primeira e 30 a 40 na segunda.

Algumas áreas com cereais, sempre muito mais para subsistência do que com fins econômicos, completavam a situação das fazendas e sítios, até o esgotamento da fertilidade para o café que provocava o nomadismo dessa lavoura, a desvalorização das terras e a conquista de áreas ainda incultas no Nordeste do Paraná, no Sul de Mato Grosso, cessando no Paraguai. Assim, a agricultura alicerçada no café estabelecia-se apenas e unicamente nas melhores terras, porque todos os métodos de cultivo eram os mais obsoletos.

O café era plantado morro acima, sem considerar as consequências da erosão; os vestígios dessas lavouras são comuns nas áreas acidentadas de São Paulo e do Sul de Minas, onde as velhas sedes atestam a riqueza daqueles tempos. Várias sementes em cada cova, sem se considerar a origem e menos ainda a mínima superioridade de umas sobre as outras, demonstravam o empirismo de então.

Carpas e colheitas eram as práticas dominantes, sempre acompanhadas do combate à saúva, considerada o grande inimigo, tanto que se admitiu a possibilidade da

destruição do Brasil, se ela não fosse eliminada. Os agricultores tinham conhecimentos bem limitados e somente os que desfrutavam das boas terras venciam e eram considerados bons lavradores.

A qualidade da terra diferenciava pois a capacidade do agricultor; bons eram os de terra boa enquanto os maus cultivavam terras menos férteis, pois os métodos de trabalho não se diferenciavam. A agricultura era considerada atividade tão simples que, quando o filho da família abastada não conseguia estudar, não se enquadrava no comércio ou não engrenava na indústria do pai, a solução estava na terra, desde que de boa qualidade, onde continuaria com os mesmos métodos de administração, sem considerar os problemas que se agravavam mas eram representados apenas pela saúva.

Na década de 20, porém, o alicerce da economia nacional, o café, foi seriamente abalado pela broca que se alastrava com facilidade nas lavouras decadentes da região de Campinas e logo depois em todo o Estado. Foi então que se cuidou mais seriamente do café, em termos de estudo, iniciado com grande limitação no Agrônomo e depois acelerado, nele e também no Biológico, Instituto fundado para atender àquele problema e em cuja criação muito se empenhara, esta folha.

Desde aquele abalo, a lavoura de café sofreu consideravelmente, inclusive no norte do Paraná e em outras áreas como Espírito Santo, Zona da Mata e Sul de Minas, Sul de Mato Grosso. A medida que os problemas se agravavam, caía a média de rendimento por área até chegar à ridícula produção de 500 quilos de café beneficiado por hectare.

Com o advento da ferrugem, veio o tiro de misericórdia que está provocando a renovação total dos cafezais, única solução para o grande problema, agravado ainda mais pelos afídeos, cochonilhas, ácaros, coletróticos, bicho mineiro, carência de microelementos etc. As terras consideradas de cultura têm os preços tão elevados que os agricultores se voltam para o cerrado, já que as quantidades de adubos para este e aquelas se equivalem; desenvolveu-se então uma lavoura em bases científicas.

Nessa evolução, a adubação mineral parcelada dá ensejo a que os agricultores vençam a grande batalha ao mesmo tempo que os leva a melhor tecnificação.

A crise do café na década de 30 facilitou o desenvolvimento da cana-de-açúcar, que aumentou consideravelmente suas áreas, mesmo a preços elevados diante dos lucros que proporciona; mesmo as lavouras novas, em início de produção econômica, não conseguem vencer as tentadoras ofertas. Daí a expansão da cultura, que se tornou um dos baluartes da nossa economia e que tende a transformar o Brasil no maior produtor e exportador, já que está bem próximo de

Cuba e da Rússia, seus maiores concorrentes.

O algodão também teve grande incremento na década de 30, para cobrir as deficiências do café; rapidamente, a produção se elevou tanto que para cada fardo a mais produzido aqui, os Estados Unidos perdiam um no mercado internacional. Após grande desenvolvimento, os problemas se agravaram de modo que somente os mais capazes conseguiram se manter nessa atividade, porque devidamente atualizados, para minorar especialmente os efeitos das pragas; graças a modernas técnicas de defesa sanitária vegetal, os inimigos do algodão estão sendo controlados, de modo que a fibra nobre e insubstituível continuará a merecer a preferência, especialmente devido ao clima tropical em que as sintéticas não são confortáveis.

Entre as frutas, a laranja, apesar dos problemas de rejeição dos tecidos, da tristeza e, nas últimas décadas, do cancro cítrico, está em plena evolução tanto que se planta um milhão de mudas por ano. Em 10 anos São Paulo e, portanto, o País será o maior produtor, deslocando todos os concorrentes, como Estados Unidos, Ibéria, União Sul-africana etc.

A cultura da banana também sofreu consideravelmente porque foi atingida pelo mal de sigatoga e principalmente porque não houve a evolução necessária para a continuidade dessa cultura, especialmente no Vale do Ribeira. Os bons agricultores renovam as lavouras enquanto os menos preparados não encontram outra solução a não ser na pecuária de corte, de baixo rendimento por unidade de área.

Os reflorestamentos, em sua quase totalidade feitos com eucaliptos nas terras de café abandonadas, não encontram mais os rendimentos de outrora porque falhados e alicerçados em mudas de sementes comuns. Os incentivos fiscais estão modificando o panorama florestal, seja com melhores sementes, seja com outras espécies de eucaliptos, próprias para celulose ou para fins mais nobres, como o citriodora. A crise de papel e de madeira é de tal ordem que os preços das terras de cerrado subiram a níveis tão elevados que a atividade se muda para outros Estados. Essa atividade não pode competir com as culturas anuais, de cereais, algodão etc.

A situação de pecuária de leite se agravou tanto que se importam grandes quantidades de leite da Nova Zelândia, Austrália e Europa. A despeito de todo o potencial e da grande demanda de alimentos, o Brasil importa leite quando poderia ter nessa atividade outro sustentáculo da sua economia, juntamente com outros produtos lácteos.

As bacias leiteiras perderam plantéis de alto valor porque os criadores se convencem da impossibilidade econômica de continuar

com deficits constantes. As zonas de gado de corte, com o contínuo esgotamento da terra, tornaram-se antieconômicas e se não fossem os citros não teriam o surto de progresso que é observado no Norte do Estado. O Oeste de S. Paulo também não tem mais condições para essa atividade porque o crescimento dos animais, como ocorreu em outras áreas, tirou os elementos essenciais para a formação de pastos. O colômbio, que alimentava de 2 a 3 cabeças por hectare, só consegue manter uma rês em 2 a 3 hectares.

Se essas atividades todas sofreram revezes consideráveis, há a considerar o desenvolvimento da fruticultura e o das hortaliças cultivadas em grandes áreas e não mais nas modestas hortas ao redor dos grandes centros. Muitas frutas abastecem o mercado mais sofisticado ao mesmo tempo que as sobras são exportadas para a Europa e para a Argentina. Pomares pequenos muito especializados valorizam muitas áreas, ao mesmo tempo que os lucros proporcionam condições para que os filhos de sítios frequentem universidades e conquistem títulos que os levam à culminância do mundo político.

A despeito de todos os problemas, melhores rodovias facilitaram o desenvolvimento da agricultura, especialmente desses produtos perecíveis e também a distribuição de ovos, outra atividade de grande valor.

Os supermercados apresentam os mais variados produtos, com a melhor classificação e apresentação. Concomitantemente, forma-se a mentalidade segundo a qual vale transformar o produto na fonte de produção em outros de natureza animal, de menor volume mas de elevado preço, para que a riqueza se distribua nas regiões em que as populações do campo podem prosperar e se transformar em maiores consumidores.

Nisso tudo houve sempre a colaboração de colônias de imigrantes mais preparados, como também dos agricultores nacionais que não medem esforços para vencer a luta contra a natureza. Não lhes interessa a situação de meros espectadores; o risco é grande, os contrastes enormes, as incompreensões para cooperar para o engrandecimento do País. De nada valem medidas contrárias aos seus interesses, pois a elite não se preocupa muito com os preços mínimos; a produção temporária, o menor custo do produto porque trabalhado com a melhor orientação agrônômica e veterinária dão possibilidades para o saldo necessário. Dentro de poucos anos, com a fome agravada em todo o mundo e mesmo aqui, essa será a atividade fundamental para o bem-estar social, econômico e político. Embora a indústria e o comércio ostentem maior desenvolvimento, a base é a agricultura.

LIVRO

NARRATIVA DA PERSEGUIÇÃO, DOCUMENTO PARA A HISTÓRIA

Em comemoração ao bicentenário do nascimento de Hipólito José da Costa, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em co-edição com a Associação Riograndense de Imprensa, lançou a terceira edição da Narrativa da Perseguição, no qual o patrono da imprensa brasileira relata sua prisão e julgamento pelo Santo Ofício, nos cárceres da Inquisição em Portugal.

Livro-documento, cuja primeira edição ocorreu em Londres, em 1811, relata as perseguições, sofridas pelo autor. Mas conforme adverte Sérgio da Costa Franco, em artigo no Correio do Povo, "não se imagine, todavia, que o livro seja uma ladainha de lamúrias. Ele é antes do mais, uma denúncia sobre as deploráveis condições da justiça portuguesa, um desmascaramento à hipocrisia e a sordidez da Inquisição católica. E, ao mesmo tempo, uma exaltação do homem consciente e livre, que as pressões não dobram e as torturas morais não abatem".

Diz Hipólito da Costa, na parte introdutória da Narrativa: "Desde que minha idade me permitiu o pensar e refletir, sempre considerei a existência da Inquisição na Europa como uma consequência da ignorância e da superstição e, portanto, sempre a olhei com horror; mas nunca me passou pela imaginação que eu mesmo viria a ser uma das vítimas de sua perseguição. É apenas crível que no século dezoito existia ainda um tribunal que tenha o poder, sem causa aparente e sem que haja violação das leis do país, de prender indivíduos e processá-los por culpas que se devem considerar como imaginárias, visto que não existem no Código Criminal da Nação".

Em outro trecho da Narrativa, diz Hipólito da Costa: "esta narrativa, espero em Deus seja fielmente observado, tem em vista mostrar ao mundo um tribunal, cuja existência é tão insultante como humilhante ao gênero humano".

Se eu for tão feliz que possa conseguir o que me propus: a lembrança dos horrores que sofri, será para mim o triunfo da inocência sobre a opressão, e darei gostosos parabéns a esta nação, que cordialmente adotei por minha (Hipólito da Costa era brasileiro, como se verá em outro artigo desta edição).

RELATO DA PRISÃO

Sua prisão é assim narrada pelo próprio Hipólito: "Havia três ou quatro dias que eu tinha desembarcado em Lisboa (procedia de Londres) e isto era pelos fins de julho do ano de 1802, quando entrou em minha casa um Corregedor do crime (era o

ministro da Inquisição José Anastácio Lopes Cardoso, filho de um pescador da Trafaria). Dizendo-me quem era, disse também que tinha ordem de apreender os meus papéis e meter-me de segredo, com rigorosa incomunicação. Fui encarcerado no mais absoluto segredo, na cadeia do Limoeiro".

Três anos ficou Hipólito a mercê dos inquisidores, tendo sido submetido a arbitrários, tirânicos e bestiais interrogatórios dos padres inquisidores.

Qual o crime de que era acusado? Ser maçom.

Hipólito foi iniciado maçom em Filadélfia, nos Estados Unidos, na loja George Washington nº 59, durante estada nesse país, em missão da coroa. Cabe dizer que se na constituição portuguesa nada constava em desabono da maçonaria, nos Estados Unidos, então, a Ordem Maçônica era tida como organização benemérita, a ela pertencendo todos os grandes vultos da nação, quer sejam da política, das artes e das finanças. George Washington, o patrono de sua loja, primeiro presidente da República norte-americana, fora Grau Mestre da maçonaria.

Posteriormente, sempre em missão da coroa, Hipólito da Costa esteve na Inglaterra e na França. Nestes países, também a maçonaria gozava de grande prestígio. Na Inglaterra, o filho do rei, Duque de Sussex, que depois tornou-se grande amigo de Hipólito, era Grau Mestre da maçonaria.

Hipólito sempre manteve estreita vinculação com os maçons, que lutavam pela liberdade dos povos, em todas as partes do mundo. Francisco Miranda, libertador da Venezuela, foi seu grande amigo.

Mentalidade livre de gaúcho, afeito a rasgos de generosidade e cavalheirismo, detentor de vasta cultura enciclopédica, era natural que Hipólito se deixasse empolgar pelos ideais de liberdade e fraternidade que pulsava nos corações dos maçons. Washington, seu patrono espiritual na loja da Filadélfia, era maçom. Francisco Miranda, San Martín, O'Higues, libertador do Chile, Thomaz Jefferson, Voltaire, Diderot, os reis da Inglaterra, os chefes de Estado norte-americanos, todos os grandes homens que conhecera, vivos e mortos, eram maçons.

Daí sua resposta, com certo orgulho, ao padre corregedor, sobre se era realmente maçom: "eu não tive dúvida em declarar, logo que fui perguntado, que aquelas cartas eram minhas e que eu fora efetivamente admitido à Ordem da Framaçonaria, na cidade de Filadélfia, capital dos Estados Unidos da América Setentrional".

MUSEU HIPÓLITO DA COSTA

Começa a se fazer justiça à memória de um dos maiores vultos da nacionalidade. Hipólito José da Costa, que apesar de aclamado patrono do jornalismo brasileiro foi nome vedado ao conhecimento público por cerca de 150 anos, vai rompendo aos poucos as barreiras do silêncio para se projetar por inteiro na dimensão do seu próprio gigantismo.

O Governo do Estado do Rio Grande do Sul, através da Secretaria de Educação e Cultura, em ato levado a efeito na sede daquela Pasta em setembro do ano que passou, criou o Museu de Comunicação Social Hipólito da Costa. A homenagem, apesar de tardia, reflete o primeiro reconhecimento oficial ao jornalista precursor da Independência, no ano em que se comemora o bi-centenário de seu nascimento. Ato de relevante importância histórico-cultural do Governo do Estado, faz justiça não só ao criador do jornalismo pátrio mas tem o efeito de se projetar por inteiro em todos aqueles que lutam ainda nos dias de hoje contra a opressão e o obscurantismo. Pois bem poucos brasileiros, em qualquer época de nossa história, beberam do fel da desgraça dos injuriados e perseguidos na intensidade de um Hipólito da Costa.

Nascido no berço heróico do Sacramento, onde se plasmou com fogo e sangue o divisor das raças que habitam esta parte das Américas, os reflexos dessas lutas e dessa heroicidade tiveram o efeito de plasmar-lhe o caráter. Apesar de saído da Colônia nos primeiros anos de vida — aos três anos de idade já vivia em Pelotas — teve no tio o preceptor, o padre Pereira Fernandes de Mesquita, o mestre comunicador dos fatos e odisséias vividos naquela praça de Guerra.

Sua iniciação no jornalismo — pode se dizer — deu-se combatendo a Inquisição, a hidra fanática que por dois séculos forneceu carne humana para as fogueiras de Loiola. Mas o monumento de sua glória foi construído em Londres, através do Correio Braziliense, de 1808 a 1822, de que era redator único.

Com edições mensais mantendo uma média de 100 páginas, o jornal de Hipólito passava em revista os acontecimentos universais, revelando a perspicácia do jornalista no senso do estadista, que viviam nele.

Decorridos que são 150 anos de sua morte, justificam um julgamento imparcial de sua vida e obra, tanto quanto comporta a capacidade de análise da natureza humana. Morto antes de completar 50 anos, não obstante, sua vida foi intensa e movimentada, tendo tido, inclusive, a honra trágica de ser perseguido e preso por Pina Manique, o fanático cão de fila de Maria I — a louca.

Maçon praticante, seu maior empenho ao lado de outros líderes da Maçonaria, dentre estes Francisco Miranda, libertador da Venezuela, não mais perde de vista os acontecimentos que se projetam no mundo. Acompanhou e deu apoio moral à causa da libertação do Peru, da Colômbia, do Equador e da Venezuela; da Argentina, do Uruguai e do México. Sua luta, pois identificou-se com a luta de todos os propugnadores pela causa do extermínio dos Vice-Reinados nas Américas do Sul e Central.

Já no que tange especificamente ao Brasil, pode se enquadrar Hipólito e o seu Correio Braziliense na vanguarda do processo da Independência, logo após a figura do protomártir Tiradentes.

O jornalista Barbosa Lima Sobrinho é dos que acreditam que o aparecimento do Correio Braziliense, em 1808, já se destinava a trabalhar pela emancipação brasileira, da mesma forma como lutava pela independência da América Espanhola. Não há porque haver dúvida a respeito.

Conhecedor dos processos de domínio impostos por Portugal ao Brasil, domínio esse que se acrescentava a um arcaico sistema monárquico esclerosado por um pragmatismo clerical a uma política rapace, altamente lesiva à vida da Colônia, é evidente que a idéia de um Brasil livre da ação teocrática de Portugal deve ter orientado o espírito jornalístico de Hipólito para a criação do Correio Braziliense.

Assim, ao consumir-se a mudança da Corte para o Brasil, previu a proximidade da emancipação brasileira. Napoleão, sem o saber, estava colaborando com a causa de libertação do Brasil, pois a Colônia, ao receber a Coroa, não mais admitiria voltar à velha condição de subserviência.

Mas se os fados eram favoráveis à causa da emancipação brasileira, forçoso é acrescentar-se a esses mesmos fados a atuação do Correio Braziliense, cujo poderio verbal expressando a justiça da causa brasileira, foi acastado contra Portugal desde o seu primeiro exemplar. Mas provando que a perspicácia do estadista dirigia o talento político do jornalista, Hipólito não pregou a emancipação abertamente, nem mesmo advogou a causa da rebelião armada. Diplomata e consciencioso, hábil e realista, passou a trabalhar para que o Rei permanecesse no Brasil. Seu argumento pretendia mostrar como a mudança da Monarquia para o Brasil dava-lhe maior prestígio e autoridade perante os governos europeus e até mesmo em relação aos Estados Unidos da América do Norte.

É evidente que parecia essencial a Hipólito a necessidade

de uma modificação nas instituições portuguesas no sentido de assegurar uma maior autonomia ao Brasil, uma vez que já considerava impossível a volta pura e simples deste à condição de Colônia. Aliás, a divisa do Revérbero Constitucional Fluminense, o jornal de Gonçalves Ledo e Cunha Barbosa, "redire sit nefas" (o regresso será sacrilégio), deixava clara a idéia dos brasileiros a respeito do assunto. E o revérbero era uma espécie de Sucursal brasileira do Correio Braziliense, apesar da clandestinidade deste.

A luta, sem dúvida, era pela Independência. Mas naqueles tempos bem próximos de Tiradentes e de seu triste fim, usava-se de uma espécie de biombo para encobrir os objetivos reais. Hipólito, desde Londres, pregava a idéia de união com Portugal, mas por detrás daquele biombo trabalhava pela independência. Cidadão do mundo, maçom e liberal, o jornalista sabia que mesmo que fosse possível contar com a boa vontade pessoal de D. João VI, o esclerosado Governo que ele representava não poderia ter êxito num país novo como o Brasil, onde era preciso fazer tudo.

Além do mais, suas desavenças com Portugal eram múltiplas, a começar pelo execrado escravagismo imposto aos negros e terminando pelos privilégios concedidos à igreja, cuja mácula maior era representada pela Inquisição, da qual ele próprio fora vítima.

Dessa forma, colocavam-se alicerces sólidos à causa da Independência, disseminando a divisa "redire sit nefas". O que se pretendia, na realidade, era manter a porta aberta com a chegada da Família Real. Essa política, ainda não compreendida por alguns historiadores, que insistem em afirmar ter sido Hipólito indiferente à causa da nossa Independência, foi o meio encontrado pelo jornalista e demais patriotas, para evitar a repetição da tragédia com outros tantos Tiradentes.

Sua existência, curta. Falleceu 11 de setembro de 1823, com a idade de 49 anos, cinco meses e 16 dias. Sua obra, vasta. Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, patrono da Imprensa Brasileira é também o primeiro jornalista político em língua portuguesa e o primeiro redator agrícola que se conhece, depois de Cícero.

É tardio o reconhecimento que o oficialismo passa a fazer de Hipólito da Costa. Mas, conforme diz o velho ditado, antes tarde do que nunca. O que se espera, é que outras tantas homenagens e atos sigam-se a esse pois o gigantismo do seu nome e a grandeza de sua obra, estão para serem reconhecidos no seu devido dimensionamento.

(Raul Quevedo)

AS ALEGRIAS E OS LAMENTOS DE NOVA ORLEANS



chuvas abertos cents, dimes, quarters e até dólares. Isso é Nova Orleans. Os negros enchem as ruas com o seu ritmo e o seu som vibrante e dolente, que lembram, no geral, os algodoados do Mississipi e arrozais de Arkansas, ao tempo da escravidão. O povo participa ora cantando em coro ora ritmando por palmas, enquanto aguarda a volta dos dias de Mardi Gras, para que tudo continue em ritmo de música e compasso de dança.

O Royal Street Promenade é uma passarela onde desfilam trajes exóticos e até nós com intensões artísticas; espécie de circo público, a céu aberto. Os americanos explicam os excessos de Nova Orleans dizendo que "é a terra de Mardi Gras"...



Com a mão em cone, formando um microfone imaginário, a negra canta os lamentos dos antepassados no sul, nos versos revolucionários de Whittier:

Gone, gone — sold and gone
To the rice—swamps dank and love,
From Virginia's hill and Waters
Woe is me, my stolen daughters!

"Elas se foram, elas se foram! / Venderam-nas, e elas se foram das colinas / E dos rios da Virginia para os arrozais úmidos e ermos / Ai de mim, minhas filhas roubadas!

O canto, como se observa da tradução, é um lamento abolicionista, dos muitos que são entoados pelos negros. E não há palco, cujos cenários melhor identifiquem a tragédia do negro americano, do que Nova Orleans.

A afirmativa parece paradoxal se se considerar o fato de ser Nova Orleans uma cidade alegre, talvez a mais alegre do mundo. É que ali, parece, o tempo parou. As ruelas estreitas e tortuosas do bairro francês (French Quarter), tem semelhança idêntica com as cidades do Mississipi, do Tennessee, do Arkansas, da Georgia e da Louisiana, do tempo dos confederados.

Os negros, principalmente aos domingos, pegam seus instrumentos musicais e ganham as ruas do Vieux Carré. Além de faturar alguns dólares aos turistas, têm a oportunidade de exibir seus talentos vocais e musicais. Muitos talentos são descobertos em Nova Orleans.

O forte do burlesco em Nova Orleans é o carnaval, que eles chamam de Mardi Gras. Começa na Quaresma, com uma série de bailes em residências particulares e termina nas ruas, com desfiles e danças através da avenida do Canal, com o povo todo metido dentro de fantasias luxuriantes.

Mas para o visitante, a impressão que este tem é que Nova Orleans não pára de cantar e de dançar.

A Royal Street Promenade é exclusiva para o canto e para a dança. Suponho que seja a primeira rua exclusiva para passeios, do mundo.

As tardes de domingo a rua se enche de bandas e conjuntos de jazz — malabaristas e estridentes — e gente, muita gente, que aplaude com entusiasmo e paga com generosidade, jogando dentro de guarda-



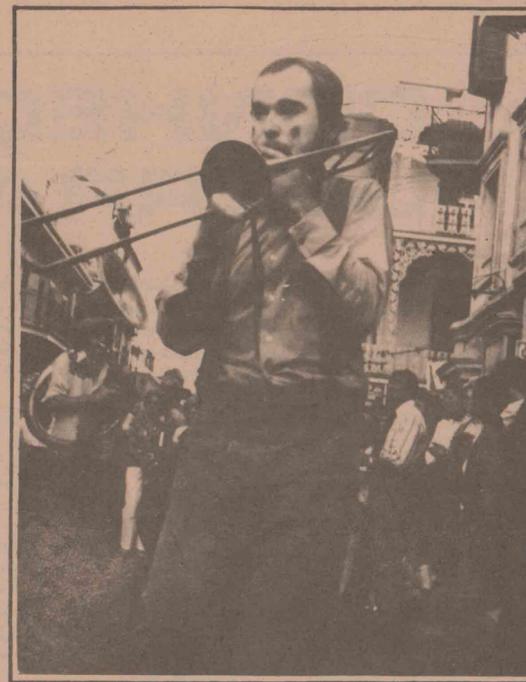
Primitivamente, o território da Louisiana, que ia desde o Vale do Mississipi até as Montanhas Rochosas, tinha sido uma colônia espanhola. Na metade do século XVIII, começou a história de sua passagem de mão em mão.

Em 1800, pelo Tratado de Santo Ildefonso, passou para o domínio francês, premiando o espírito expansionista de Napoleão III. Mas Thomas Jefferson, prestigiando a política de seu ministro-Monroe — (a América para os americanos), forçou a compra da Louisiana aos franceses, pagando a soma de 60 milhões de francos.

Os norte-americanos garantiram aos habitantes da Louisiana a cidadania americana e a admissão desta ao território da União.

Sessenta anos após, durante a Guerra da Secessão, devido a sua localização estratégica no Golfo do México e a desembocadura do rio Mississipi — verdadeiro pai das águas — foi um osso duro de roer para a própria União. Os confederados tinham em Nova Orleans uma retaguarda benéfica devido a seu excelente porto no Golfo e delta do Mississipi.

Cidade grande, com mais de um milhão de habitantes, representa o escoadouro natural de todo o sistema fluvial do leste das Montanhas Rochosas. Os maiores e mais importantes rios e seus vales, como o Mississipi, o Missouri e Tennessee, afluem para o Golfo do México com passagem obrigatória por Nova Orleans.



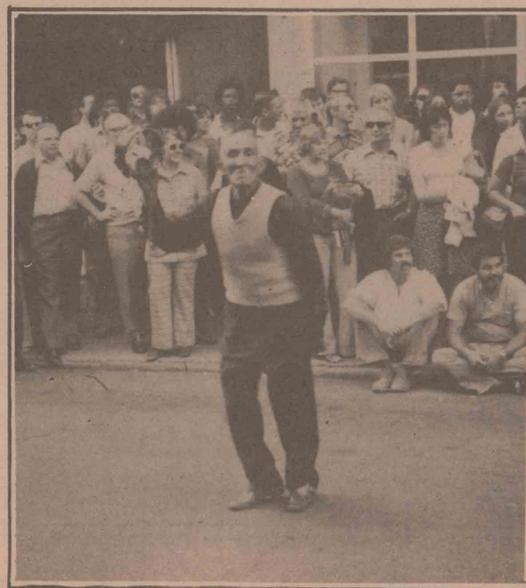
O velho que se vê na fotografia, sacudindo os anos em plena Royal Street Promenade, é o que se pode qualificar de "creole" (mistura de espanhol com francês).

É o sangue latino pulsando nas veias de um autêntico folião, que a despeito de seus 78 anos de idade, não faria feio nem mesmo no escalante asfalto do Rio de Janeiro, em dias de carnaval.

Quer quando ginga ao ritmo vibrante de um charleston ou quando declama seus versos repassados de melancolia creole, acompanhando-se de trejeitos com o olhar já apagado pelos anos e a boca totalmente ausente de dentes, o turista nota a presença segura e dominante de um artista; dos muitos que, em qualquer parte do mundo, cometeu o "pecado" de envelhecer pobre....

O artista, que vibra ainda com sua pobre arte de asfalto, mas que também tem fome, é capaz de interromper um passo da dança sapateada ou engolir uma rima de seus dolentes versos que clamam por justiça social, para juntar as poucas moedinhas de dez cents que de vez em quando, tilintam ao seu redor, no asfalto.

Assim é Nova Orleans. Na Royal Street Promenade, na Bourbon Street; na St. Louis, na Jackson Square ou na Canal Street, uma festa de cores e ritmos, mas também, como em todas as grandes cidades do mundo, um drama visível em cada esquina, conforme procuramos focalizar através dos flagrantes fotográficos colhidos pelo redator durante uma tarde de domingo de outubro do ano recém findo.



The Success Story of GENERAL LEE 420



Flagrantes da América

A ETERNA PRESENÇA DO GEN. LEE NO SUL



No condado de Victoria, Arkansas, sul dos Estados Unidos, um touro de raça Charoleisa vence, há dois anos, a todas as exposições a que participa. É o touro General Lee, uma homenagem da fazenda Wesson Charolais a Robert E. Lee, o general cérebro, braço e coração da Guerra de Secessão, pelo lado dos sulistas.

Para seu proprietário, Frank Wesson, o touro não tem preço. Mr. Wesson já rejeitou 200 mil dólares (Cr\$ 1.500.000,00) e rejeitará 500 mil dólares (Cr\$3.500.000,00) se houver oferta.

Na opinião de zootecnistas mais imparciais, o bovino do sr. Wesson não chega a ser um padrão em sua raça. Tem, isso sim, um nome que continua inflamando os corações racistas dos eternos confederados...

Com tal credencial, não há dúvida que o general Lee dos pastos continuará a ruminar seu garbo de eterno campeão nos campos da Wesson Charolais, ainda por muitos anos.

Por um princípio de tolerância, vamos admitir que o bovino do sr. Frank Wesson tenha pedigree suficiente para suplantar os touros rivais. Não esqueçamos, porém, que Lee, o general confederado, 110 anos após a Guerra de Secessão, continua a ser a mesma grande bandeira que chegou a colocar contra o norte, um milhão de homens em armas. Devido a isso, o sul racista jamais o esquecerá. No Mississippi, no Tennessee, no Arkansas, na Virginia, no Kentucky, no Texas, na Louisiana, no Alabama, em todo o sul, o general Robert Lee continua a ser o "nobre herói do sul", adorado como nome de rua ou mesmo na expressão simples de um ruminante de raça.

CONHEÇA A GUERRA DA

Por volta de 1850, a aristocracia rural dominava todo o centro-sul dos Estados Unidos da América do Norte. Com mão-de-obra escrava que alcançava a cifra de 3.500.000 negros, os sulistas cultivavam milhões de acres agrícolas, principalmente algodão. Com trabalhadores escravos e possuindo abundância de terras, naturalmente praticavam uma agricultura sem nenhuma técnica e absolutamente predatória. Isso arruinou a estrutura agrária do país, culminando com a tragédia de 1934 - 80 anos depois - assunto de que nos ocupamos nas edições 14 e 15, do COTRIJORNAL

O norte, já industrializado, era contrário ao trabalho escravo.

Para Lincoln, então presidente da República, mais do que propriamente a abolição da escravidão, interessava impedir a fragmentação do país. O sul, agrário e racista, lutava por manter o regime da escravidão no interesse dos "nobres plantadores de algodão".

Esse, o palco onde se desenrolou a tragédia americana da Secessão, que de 1861 a 1865, matou ou feriu um milhão de norte-americanos e devastou o país, principalmente os estados sulistas, onde se concentrou o maior peso da guerra.

Conforme sempre aconteceu nos conflitos armados, nenhuma das facções esperavam uma guerra de tal amplitude e dura-

ção. Lincoln, ao fazer a primeira convocação após o ataque ao forte Sumter, previu um alistamento de apenas três meses para as tropas convocadas.

Os 11 estados da Confederação (sul) contavam com nove milhões de habitantes, sendo 5,5 milhões de brancos e 3,5 milhões de negros. Os 23 estados da União (norte) tinham uma população de 22 milhões. Mas apesar da supremacia humana, dos progressos da indústria e mesmo do fato de já possuir um exército regular ao começar a guerra, a luta foi longa (quatro anos), árdua e extremamente difícil, tal o empenho e ferocidade com que se lançaram à luta, os confederados escravagistas.



Casebre nas proximidades de Memphis, retrato da miséria negra no sul.

HISTÓRIA DA SECESSÃO

O norte manteve em armas de um milhão a 1,5 milhão de homens; o sul respondeu com uma medida de 800 mil. Em recursos financeiros também a União foi sempre mais abastada, podendo dispor de três bilhões de dólares, enquanto a Confederação não passou dos dois bilhões. Além disso, enquanto a União dispunha de uma boa infra-estrutura industrial, o sul, totalmente agrário, dependia totalmente do estrangeiro para o fornecimento de armas, munições e equipamentos.

Os negros deram grande contribuição ao norte, tanto na condição de combatentes como de operários. Aliás, os negros tinham uma motivação especial para lutar. E segundo a opinião geral dos historiadores, demonstraram sempre muito valor e capacidade de luta.

Do lado do sul confederado, a situação era a seguinte: a chamada aristocracia rural, desesperada pela idéia de perder o braço escravo e os privilégios que gozava à custa do suor do negro, uniu-se em desespero de causa. Os "aristocratas" rurais, aliados aos capitães de mato, esfoladores de negros e toda a degeneração moral que gravitava em torno da escravidão, imbuídos de um zelo marcial, lançaram-se à luta com fanatismo. Por outro lado, os camponeses — uns porque já possuíam escravos, outros porque desejavam tê-los um dia — saíram-se muito bem como soldados, suportando as misérias da guerra com coragem e fidelidade extraordinárias.

Até o momento em que começaram a sentir os efeitos do

bloqueio e da hesitação das nações européias em ajudá-los, os sulistas estavam convencidos de que o "rei algodão" lhes daria uma arma invencível, que agiria em forma de alavanca econômica forçando a França e Inglaterra a se ligarem a eles, ou ao menos a reconhecerem o seu governo, a fim de assegurar os fornecimentos de algodão indispensáveis às suas indústrias.

Os confederados contavam igualmente com uma vantagem no plano estratégico: sustentando uma guerra defensiva, podiam escolher suas linhas de retaguarda. No plano psicológico, bastava aguentar-se até que o norte se esgotasse na tentativa de conquistar palmo a palmo os estados confederados. E durante cerca de três anos, a guerra manteve-se indecisa. Como uma gigantesca mesa de ping-pong, os golpes se sucediam.

O que os sulistas não contavam era com a vontade férrea de um homem chamado Abraham Lincoln, humilde lenhador na juventude mas que agora era o presidente constitucional da nação. Em 1861 durante o primeiro ano da guerra, dizia Lincoln: "essa questão ultrapassa a do destino de nossa Nação: levanta um problema para toda a humanidade. Uma república ou uma democracia constitucional — um governo do povo pelo povo — pode ou não pode lutar contra inimigos internos para manter sua integridade territorial? Ela nos obriga a nos perguntarmos: existe, em todas as repúblicas essa fraqueza inerente e perigosa? Um governo deve, necessariamente, ser muito forte para que as liberdades do povo subsistam, ou muito fraco para continuar existindo? E além da vontade de Lincoln havia a vontade do norte, que nunca duvidou de estar com a verdade e de ter a justiça e a moral de seu lado. Apesar da existência de simpatizantes da causa sulista no norte, como os "Cavaleiros do Círculo de Ouro", sociedade secreta do tipo Ku-Klux-Kan, que posteriormente se alastrou por todo o país, o norte sempre considerou que o escravagismo era incompatível com os princípios da Declaração da Independência.

Em março de 1864, três anos após o início das hostilidades, a balança da guerra começou a pender para o norte. Foi responsável por esse novo panorama um general chamado Ulysses Grant, firme, corajoso,

por vezes brutal, mas imprescindível ao comando, segundo Lincoln, pelo fato de que "ele sabe combater".

Grant distinguiu-se por uma série de vitórias no oeste. Aos seus excessos, Lincoln repetia a todos "não posso me privar deste homem; ele sabe combater".

Do lado sulista, o comando geral era exercido, desde 1862, pelo general Robert Lee, escravagista fanático e defensor dos privilégios da raça branca como beneficiária do braço negro. Hábil, corajoso, combateu com audácia e ferocidade inextinguíveis, comandando um milhão de outros fanáticos.

Mas ao final de quatro longos anos, no dia 9 de abril de 1865, aconteceu o Appomattox da Secessão. Os historiadores registram assim os últimos meses da grande revolução: "as operações se imobilizaram a leste, enquanto no oeste o general Sherman deixava Chattanooga em direção a Georgia. Em 1º de dezembro entrava em Atlanta, capital deste estado. Apesar da presença, em sua retaguarda, de uma importante força confederada, Sherman decidiu abandonar suas linhas de comunicação com o Mississipi e iniciar uma longa marcha no rumo do Atlântico, com o fim de cortar em dois pedaços o que restava da confederação.

Apesar dos temores de Lincoln e Grant, Sherman partiu com 60 mil homens. Em 20 de dezembro atingiu a cidade de Savannah e voltando-se para o norte atravessou a Carolina do Sul, penetrou na Carolina do Norte, onde tomou Raleigh, tendo devastado à sua passagem uma grande faixa de territórios férteis, o celeiro dos confederados.

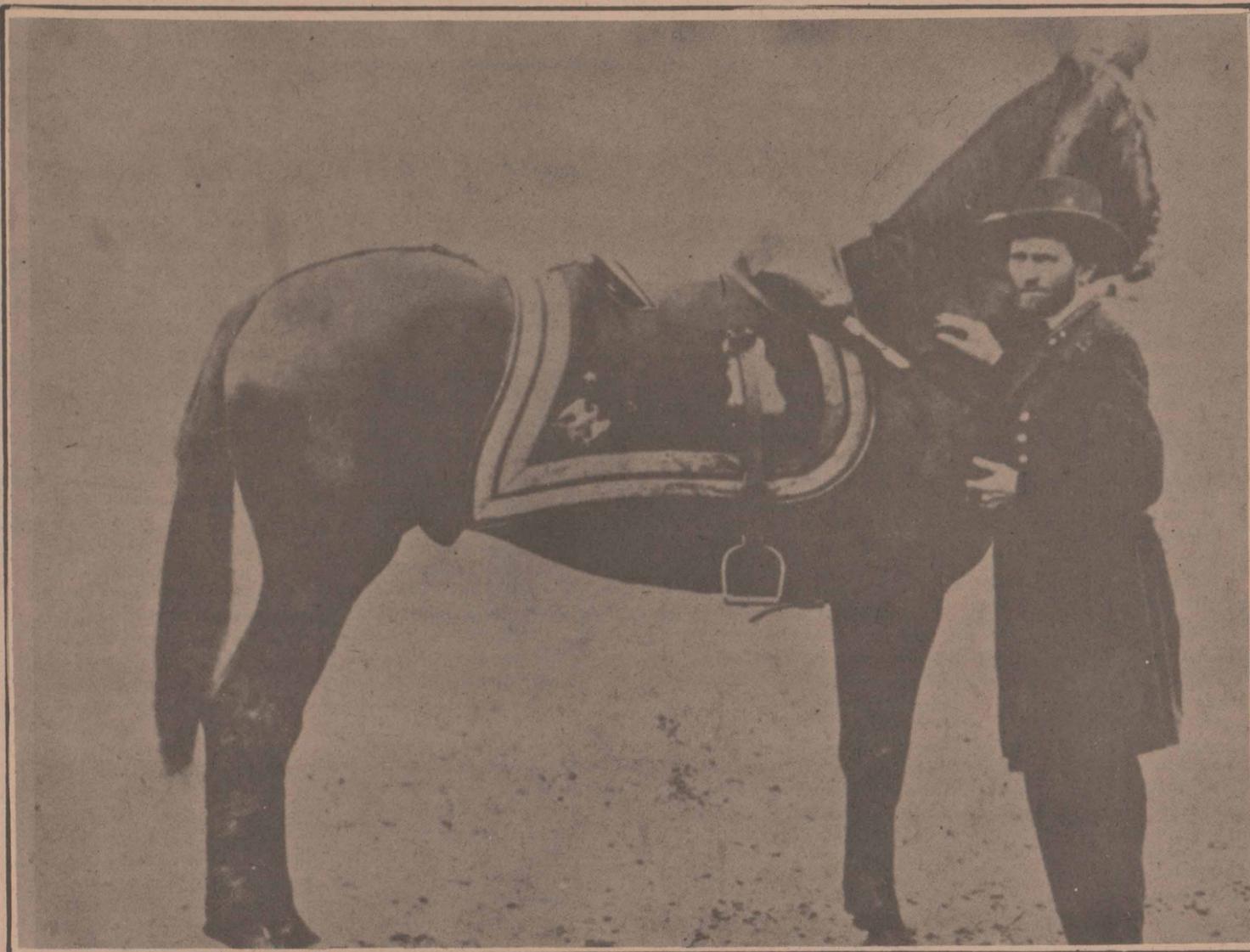
Essa destruição deliberada teve, como pretendia, o duplo efeito de privar seus adversários de reabastecimento e de fazer sentir os horrores da guerra aos habitantes das regiões mais fiéis à Confederação. De sorte que, quando veio a derrota de Appomattox, na Virginia, a resistência na retaguarda foi impossível.

Sem dúvida, tanto quanto a ação obstinada de Ulysses Grant contra os exércitos virginianos, a marcha de Sherman foi um dos fatores decisivos para a vitória da União.

Em abril de 1865 — dia 9 — tendo perdido a esperança de receber qualquer reabastecimento, Lee teve de abandonar a defesa da capital sulista — Richmond — debandando com seu já reduzido exército de 20 mil homens.

O ato final teve por cenário uma casa em Appomattox, na Virginia. Lee, orgulhoso e altivo, cortês e elegante, rendeu-se com seus últimos homens — 13 mil — para o general Grant, amável, educado, mas desleixado, coberto de lama e vestido com um uniforme que não o diferenciava de um simples soldado. Venceu o lado da moral e da razão. Pelo menos em termos jurídicos, a liberdade dos negros estaria assegurada. O futuro mostraria, no entanto, que o diploma legal pelo qual lutaram e morreram tantos norte-americanos, não teria maior valor. Mas esta já é outra história...

LINCOLN E GRANT, A VITÓRIA DA MORAL E DA RAZÃO



O general Ulysses Grant, vencedor da guerra. Teimoso, rude, por vezes violento. Mas na opinião de Lincoln era o homem certo pois "sabia combater".

NATAL, ANO NOVO, CONGRATULAÇÕES: AQUI, OS NOSSOS AGRADECIMENTOS

Esta página é dedicada a todos os amigos da COTRIJUI, seus clientes, favorecedores e fornecedores; seu quadro social e leitores do COTRIJORNAL, que de uma maneira ou de outra manifestaram à sua diretoria e funcionários, seus votos de boas festas durante o Natal e Ano Novo. A todos os que lembraram de nós, quer através de cartões natalinos — a maioria — quer através de citação de imprensa, como é o caso da jornalista Sara Corrogoski, no "O CHIMARRÃO" órgão da ABS-DNOS, que transcreveu "5 Flagrantes de Nova Iorque" de nossa edição de Novembro; o jornalista Pedro Belmonte, de Santo Ângelo, que enviou entusiasmada correspondência ou ainda a escritora e folclorista Laura Della Monica, de São Paulo, que pergunta que tempo leva de ônibus de Porto Alegre a Ijuí, demonstrando a intenção de conhecer Ijuí e os ijuíenses ou ainda a MPM, que anexa "bilhete" de Érico Veríssimo comunicando não ter podido, "como esperava e desejava, terminar o segundo volume de seu Solo de Clarineta a tempo de permitir à agência mandar" de brinde de festa neste fim de ano.

Agradecemos ainda Paulo de Boer, diretor da CONDECRER São Paulo; Prefeitura Municipal de Caxias do Sul; Jornal da Manhã, Ijuí; COMTUR, Ijuí; Cooperativa Agrícola Pindorama, Xanxerê; Gotz Krinelke, jornalista da Verband der Konsumgenossenschaften der DDR da Alemanha Oriental; Indústria de Máquinas Ideal, Santa Rosa; Edir Balzan, Coop. de Xanxerê, Santa Catarina; IMERAB, Ijuí; Nestor Díaz Quijano e Família, Ijuí; Chicago Star — Instalação Industrial e Caldeiraria Ltda, Assocep — Associação de Orientação às cooperativas. Bel. Vinicius A. Mainieri, Delegado Regional; Auto Peças Santa Cecília, Ijuí; Sementes Agroceres S/A, Carazinho; CINDRE — Comércio Indústria e Representações Ltda, SP; Soc. Coop. Castrolanda Ltda; Dr. José Westphalen Corrêa; Haib Modas Ltda, SP; S.A. White Martins; Casa Dico, P. Alegre; Sieghard Genehr Representações Comerciais, S. Leopoldo; Gates do Brasil S.A.; Companhia Industrial Rio Guahyba; Dr. José A. Dumoncel, Pref. Municipal de Santa Bárbara; DE SMET do Brasil Comércio e Indústria Ltda; JF Jacyr Fenner — Sementes; STAIGER Indústrias Metalúrgicas S.A.; Magnus-Soilax; Turfal; Siemens S.A.; Comercial Rádio Arte Ltda; P. Alegre; Calfibra S.A.; Cotrisoja Coop. Trit. Taperense Ltda.; Caixa Econômica Federal, Ijuí; Banco Mercantil de São Paulo, Ijuí; Setor Engenharia Agrônômica, S. Maria; Sindicato da Indústria do Arroz no Estado do R.S.; Sérgio F. Padilha; Randon S.A. Comércio e Ind. MULTIFORMAS LTDA; Renovadora de Pneus Auto Agrícola Ltda, Ijuí; Indústria de Calçados SEARA

Ltda, Farroupilha; Davilson Rodney Tossi, HZ Rep. Agr. Ltda; Júlio Kronbauer, Pref. Chiapetta; ROXO, Representações e Comércio Ltda; Raabe, Buratto & Cia; Ass. de Apicultores de Ijuí, AAI; Alberto Sabo & Irmão Ltda; CIBILS S/A — Agrícola, Industrial e Comercial, P. Alegre; INCASOLO — Indústria de Calcário para solo Ltda, PR; Transportadora Waldemar Ltda, Carazinho; Avelino Ricardo Berndsen; SULLCAL Oliveira e Matos Ltda, Rio Pardo; Carlos Augusto de Oliveira Filho — Dep. de Assistência ao Cooperativismo, SP; Ary Steimer e Família, Ijuí; Dorival Terres Pereira, Ijuí; Rui B. Alves — BRDE, P.A.; Krup Indústrias Mecânicas Ltda; AQUÁRIO Representações Ltda, Rio; Cia T. Janér; Schneider, Logemann, Horizontina; Super Veículos S/A, Suveza; Distribuidora de Fertilizantes Comag Ltda, PR; Ciba-Geigy, Divisão de Produtos Domésticos; Carlos Aug. Meier S.A., "Alumínio Econômico", S. Leopoldo; Engº Carlos A. Faccin e Família; Cargill Agrícola S/A; Aparicio Piccinin, Pref. Catuque; OCERGS — Org. das Coop. do Estado do RGS; Tenco — Moageira Ltda; COTRICAMPO — Coop. Trit. Mista Campo Novo Ltda; SENSAS, filial RGS; Associação Riograndense de Imprensa, ARI; S.A. Brasileira de Rolamentos e Mancais "BRM", S.P.; Grupo Debaço; Importadora Orengo Ltda, Pelotas; IMASA — Indústria de Máquinas Agrícolas Fuchs S.A., Ijuí; Gráfica Editora Santo Antônio, Campo Real; Cooperativa Vinícola Caxiense Ltda; Distribuidora de Correias e Acessórios Ltda, PA; Devanil Barbosa e família, Ijuí; Empresa Hass de Transportes Ltda, Ijuí; Gobo & Murussi Ltda, Cruz Alta; Grupo União de Bancos, Ijuí; Choumaltex Ltda, Tecelagem e Confeções; Indústria de Calcários Caçapava Ltda (INDUCAL); UTP — Brasileira de Soldas Ltda; Eveready; Banco do Brasil S.A., Ijuí; Coop. Tritícola Santa Bárbara Ltda; Comércio e Representações Colombo Ltda, PA; Sulfabril Malhas; Sindicato dos Empregados do Comércio de Ijuí; Ciba-Geigy; Raimar A. Bottega; Banco Brasileiro de Descontos S.A. Ijuí; Jacto Máquinas Agrícolas; Banco Nacional de Crédito Cooperativo, Ijuí; Banrisul, Ijuí; Distribuidora Catarinense de Tecidos S.A.; Vulca — Correias Comercial Ltda; Vulcabras S.A. Ind. e Com.; Everest Palace Hotel, P.A.; Ferraço — Ind. e Com. de Ferro e Aço Ltda; FIDENE — Fundação de Integração, Desenv. e Educação do Noroeste do Estado, Ijuí; Caovilla & Cia Ltda; Cepra, Cruz Alta; Brasil Rural — Comércio de Sementes e Insumos Agr. Ltda, Londrina; Paulo Torres Xarope Bronil, P.A.; Cristaleira Raiar da Aurora Ltda; Corsário de Aviação S.A.; Itáú Corretora de Seguros Ltda; Haroldo Brammer — Representações, Passo Fundo; Vogg S.A. Indústria Metalúrgica; Tec-

molim; Transportes Cavol Ltda, Carazinho; GKW — Fredenhagen S.A. Equipamentos Industriais, SP; Cotrisa — Coop. Tritícola Santo Rosa Ltda; Grupo Industrial Santista; Laboratório de Análises de Solos de Santa Rosa; Sacoplás — Indústria e Com Plásticos Ltda, Blumenau; Irmãos Fischer e Cia Ltda e Lavouras Rep. Ltda, SP; Ivesa, Ijuí Veículos S.A.; Vinicius Cardoso, Ijuí; Biachini & Cia Ltda; Big — Indústria Esfereográfica Brasileira S.A.; Casa Bernardo Ltda, Santos; Isa-peixe — Rio Grande; Vinhos Salton S.A. Indústria e Comércio, Bento Gonçalves; Meridional S.A. Ind. e Comércio; Conselho Regional de Medicina Veterinária do RGS; Regional Máquinas Agrícolas Ltda, Ijuí; Coop. Mista Tucunduva Ltda; Coop. Tritícola Samborjense Ltda; Karibê, Sta. Maria; Landrin — Ind. e Com. de Inseticidas Ltda, Carazinho; Organizações Cereser — Com. Ind. Agric. Exp.; Sul América — Companhia Nacional de Seguros de Vida; Grupo Escolar Vila Herval, Ijuí; Refina Sul S/A Ind. e Com., Giruá; Fábrica de Papel Três Portos S.A., Esteio; Xerox, Caxias do Sul; Wacker Representações Ltda; Sociedade de Agronomia do RGS, PA; Escola Adventista "Alexandre Lisboa", Ijuí; Marubeni Brasil S.A.; Niágara S.A. Com. e Ind.; Confeções Luz S.A. Ind. e Com.; Manufatura de Brinquedos Estrela S.A.; Malharia Diana S.A.; Timbo SC; Kepler, Weber S.A. Panambi; Construtora Medaglia S.A.; Paulo Cesar Rocha, UNIMED Ijuí; R.B. — Ind. e Com. de Malhas Ltda; Nelson Lojas, Ijuí; Cotrijal, Coop. Tritícola de Campo Real; Souza, Schirmer Ltda, Ijuí; Ind. Com. de Confeções TURI-STAR Ltda; Dreher, Bento Gonçalves; Escritório Faccin, Ijuí; Malhas Hering; José Pankowski & Irmão Ltda, Camaquã; Sumitomo Shoji do Brasil; A. Heberle Exportação e Importação Ltda; Adair Casarin, Ijuí; Associação Atlética Banco do Brasil, Ijuí; Bamerindus, Chiapetta; Brigada Militar, Ijuí; Associação Hospital Caridade Ijuí; Dispeças, Ijuí; Companhia Estadual de Silos e Armazéns; Nitrosin S.A., Ijuí; Banco Lar Brasileiro; Banco Mercantil de São Paulo; Shell Química S.A.; Roberto Bernardi e família, Ijuí; Família Cooperativista; Agro-Química Planalto Ltda; S.A. Indústrias Zillo; E. Kunz & Cia Ltda; Wilson Idalgo e família; Associação dos Funcionários da Cotrensul, Encruzilhada do Sul; Metalúrgica Serrana — Ijuí S.A.; Departamento Est. de Portos, Rios e Canais; Paulo Meister, Rep. Nylon Rainha Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, Coord. Reg. do RGS; Inst. Mun. de Educação Rural "Assis Brasil", Ijuí; Associação dos Professores Municipais de Ijuí — APMI; Marubeni Brasil S.A. filial P. Alegre; CRA — Companhia Riograndense de Adubos; Engº Luiz Treiguer, Chefe 13ª Div. Opera-

cional RGS; Firestone; Indústrias Gráficas Schneider Ltda, Canoas; Indústria Ribalta, PA; Tecnosul S.A.; Ind. e Com. Moinho Condor; Jornal do Brasil, Rio; Airton Paulo de Araujo, Cruz Alta; Escola de Área de Ijuí; Dr. Egon Júlio Goelzer, Pref. de Três Passos; Olvesp — Óleos Vegetais São Paulo Ltda; Malharia Juriti Ltda, Blumenau; Juarez Funck, Banco do Brasil S.A.; Gomes Napoli S.A. Com. e Ind.; Vertical — Técnicos em Transportes Ltda, PA; Mário Dal Pont, Passo Fundo; André Alcides Muratore & Cia Ltda, Caxias do Sul; Bacchin Lewis S/A, Cachoeira do Sul; Peterse Distrib. Prod. Alimentícios Ltda; Funcionários da Coop. Tritícola Palmeirense Ltda; Impermeabilizadora Abbott S.A. PA; Mitsui Brasileira Importação e Exportação Ltda, SP; Metalúrgica Silva Ltda, Ijuí; Artefatos de Tecidos "Smar-Jel" Ltda, PA; Roberto U. E. Pontes, S. José do Norte; Comercial Agro-Pecuária - Lavrador Ltda; Cardoso Marques S.A.; Cocito Irmãos Técnica e Comercial S.A.; Fiação e Tecelagem de Juta Amazônia S.A. — Fitejata. Leo Warszawsky; Pfizer, Guarulhos; Ascop Ltda, Auditores Independentes, PA; Felixal — Imp. Com. Exp. Ltda, SP; Guilherme Seidler & Cia Ltda, Ijuí; Dimep Dimas de Melo Pimenta S.A.; Fundação de Ciência e Tecnologia — Cientec; CONVÊNIO UFPEL — MA — AGIPLAN; Fecularia Rio Molha S.A., Jaraguá do Sul; Representações Stolte Ltda, PA; Stemac Ind. e Com.; 3M do Brasil Ltda; Tecelagem Sperm S.A.; Casper — Dist. de Prod. Aliment. Ltda; Cia Sulina de Transportes; Macife S.A.; Mori Representações Agrícolas Ltda; Correio Serrano, Maripá Industrial Madereira Colonizadora Rio Paraná, Toledo; Hildo L. Bazanella, Com e Repr; Rex Equipamentos Ltda; Bradiesel S.A.; Grupo Ipiranga, Setor Alimentação; CRT — Companhia R. de Telecomunicações; Laboratório Mundo Novo, Taquara; Termolar Ind. Térmica Bras. S.A.; São Paulo Alpagatas S.A.; Transportadora Waldemar Ltda, Carazinho; Comercial Agrícola Cacique Ltda, Ijuí; Saba — Impressos Contínuos Ltda; Cia de Fósforos Irati; Indústrias Reunidas Blitz; Rede Ferroviária Federal S.A. Regional Sul; Colgate-Palmolive Ltda, Centauro S.A. meias e malhas; Com. Repr. Agrícolas Caçula Ltda; Amilcar Yamin; Fecotri; Luiz Moschetti S.A. Ind. e Com. do Papel; Aços Laminados Panatlântica S.A.; Artica Comercial S.A., PA; Lurgi do Brasil Instalações Industriais Ltda; Hoechst do Brasil Química e Farmacêutica S.A.; Remus W Hoff & Cia Ltda; Agência Gaúcha de Marcas e Patentes; Nitral Ind. e Com. de Inoculantes e Prod. Agro-Pecuários Ltda; Semag — Secadores de Cereais, PA; Fábrica de Lonas Helvética S.A.; Embalagens Sul Riograndense Ltda; Glassite Indústria de Plásticos Ltda, SP; Metalúrgica Schulz S.A.; Joinville; Grupo Empresarial Alfred; Cia Fiação e Tecidos Affonso Alves Pereira; Yoshinobrás Consul. Téc. Com. Ind. Ltda; Mário V. Santos & Cia Ltda; Mecânica Schwertner Ltda, Carazinho; Artefatos de Tecidos Renner Ltda; Silveira S/A, Ind. Com. e Repr.; Rendatex S.A. — Ind. de Rendas e Tecidos; Sul Ocidental Prod. Químicos Ltda; Ministério da

Agricultura, Dep. Nacional de Prod. Animal; Esquina do Coco Ltda, PA; Representações Toledo Ltda; Agroceres, Masiero Industrial S.A., Jaú; Felixal Importação Com. e Exp. Ltda; Alcan Alumínio do Brasil S.A.; Cellebe — Ind. e Com. de Máquinas Ltda; Câmara Mun. de Vereadores, Chiapetta; Panvel Farmácias, Ijuí; "Angorá Comando Mata Ratos Ltda"; Grupo Financeiro Francês e Brasileiro; Mercantil Industrial de Minérios Ltda — Mercasolo; Tecelagem "Inducor"; Gestra Latino-Americana Ltda; Associação Sulina de Crédito a Assistência Rural — ASCAR; Repr. Mirabel, Passo Fundo; Indústrias Luchsinger Madorin S.A.; Isidoro Mattiello — Material para Escritório; Pirisa Pietro Industrial S.A., Rio; Cia de Indústrias Gerais, Obras e Terras; Justifício Passofundense S.A.; COTRIJUI Cel. Bicaco; Formobra — Perfurações e Serviços Ltda; Repr. e Comércio "Dalpo" Ltda, Ijuí; Rhodia Divisão Fitosanitária; Confeções Brand S.A. Ind. e Com.; Iltrafertil, Sto. Ângelo; Coop. Agr. Mista Rondon Ltda, "Copagril"; Divisão Agro-veterinária; Viação Ouro e Prata S/A, PA; Indústria de Óleos Pacaembu S/A; Refinações de Milho Brasil Ltda; Ferramentas Roza Ltda; Flanco; A.J. Rossetto & Cia Ltda, São Leopoldo; Kasper & Cia Ltda, Imp. e Exp.; H.Z. Repr. Agrícolas Ltda, Ijuí; Dufer S.A.; G. Colombo Representações; Transportadora Ijuí Ltda; Transportadora 4 Rodas, Ijuí; Macife S/A, Ijuí; Sampla do Brasil, Ind. e Com. de Correias Ltda; Coop. Agro-Pecuária "Hollambra"; Adubos Pampa; Casa das Correntes Ltda e Metalúrgica Fallgatter Ltda; Correias Mercúrio S/A, Ind. e Com.; Glitz S.A., PA; L.C. Gil & Cia Ltda; Mepema S.A., Peças e Máquinas; Engº Zilmar A.M. de Albuquerque; Engº Agrº Edgar Adalberto da Veiga Fucks; Confeções Pérola Ltda, Caxias do Sul; Tri-Set Têxtil Ltda, SP; Telecomunicações Intraco Ind. e Com. Ltda; Terrago e Agroavião, PA; Cauduro Arroz S.A.; Irmãos Martini Ltda, São Miguel do Oeste; Tortuga Companhia Zootécnica Agrária, PA; Laboratórios Noli S.A., PA; Cia Nortox Inseticidas e Fertilizantes; Ary E. Boger e família; Museu Antropológico Diretor Pestana, Ijuí; Empresas de Correio e Telégrafos, Ijuí; Mobil Oil do Brasil Ltda; Agro-técnica Assistencial Ltda, PA; Cláudio Modena — Representações; Coop. Tritícola de Produtores Cruzaltenses Ltda; Hotel Ijuí e Motel Rian; Konrad Picoli S.A.; Coop. Agrícola General Osório Ltda, COTRIBÁ, Ibirubá; Coop. de Transportes Rodoviários de Cargas Serrana Ltda, Ijuí; Grupo Escolar Ijuí; Instaladora Elétrica S.A.; Indústrias Gráficas Schneider Ltda, Canoas; Ind. Com. Hadrich Ltda; Giometti, França & Cia Ltda, Sumaré; Banco Sul Brasileiro, Ijuí; Representações Schuh Ltda, PA; Promax Bardhal; Representações Fossati Ltda; Refrigerantes Vontobel S.A.; Indústrias de Fósforos Líder Ltda; Ind. e Com. de Roupas Iguacú Ltda; Ind. de Bombas Submersas Importadora Agro-Pecuária Sul Ltda, Montenegro; Grupo Zamprogna; Fiorenzano, Germani & Cia Ltda; Degani; Cotrisa — Coop. Tritícola Regional S. Ângelo Ltda; Fertilul/Icisa; Nichimen Com. Ltda; Vitasul.

ESPELHO DA COMUNICAÇÃO



UM JORNAL DA
REDE BRASIL SUL DE COMUNICAÇÕES

MERCADOS

Com a intensificação das seções dirigidas à economia nos jornais, a imprensa vem prestando eficiente colaboração no sentido de orientar o grande público nos meandros da produção e das finanças.

Zero Hora, por exemplo, que edita há tempos um atuali-

zado Informe Econômico, além das entrevistas-debate orientadas por seu editor Affonso Ritter nas edições dominicais, criou há pouco mais uma seção de real interesse para produtores e setores do comércio. Trata-se da seção "Mercados", que dá, quotidianamente, a situação do

mercado mundial de grãos e seus sub-produtos, além da cotação cambial das moedas.

Em sua edição de 27/12, Informe Econômico destacou, em resumo, sob o título "Os novos turistas", nosso comentário intitulado "Negócios mundiais de cereais", da seção Perspectiva.

CORREIO DO POVO

FLASHES

Outra seção de real interesse para os produtores e editada diariamente pelo

Correio do Povo, cuja editoria pertence ao jornalista Isnar Camargo Ruas, de lar-

ga vivência profissional no estado. Na seção Flashes, por exemplo, há sempre amplo noticiário de mercados.

O ESTADO DE S. PAULO CENTENÁRIO

Com a edição de 4 de janeiro último, o jornal "O Estado de S. Paulo" circulou em homenagem ao seu próprio centenário de fundação, editando dois cadernos especiais alusivos ao grande acontecimento. O centenário de um jornal; 100 anos de

um jornal é acontecimento de real significado que transcende em muito os limites de uma empresa para se refletir em âmbito nacional e até internacional, pois são poucos, hoje, os títulos que em todo o mundo, podem ostentar como glória, essa honraria.

O jornal "O Estado de S. Paulo" circulou pela primeira vez numa segunda-feira, dia 4 de janeiro de 1875, com o nome de "A Província de São Paulo". Eram seus redatores Américo de Campos e F. Rangel Pestana.

CASA NOVA

"Obrigado pelo incentivo e pela crítica. Obrigado por sua audiência, pela sua amizade, estímulo e prestígio. Obrigado por tudo! No dia 10 de abril de 1950, a Rádio Reporter foi inaugurada". Trecho da carta-convide com assinatura do sr. Wilson Maximino Mânica, seu diretor-geral, con-



vidando para a solenidade e coquetel de inauguração das novas instalações da Rádio Reporter de Ijuí, que se realizou dia 4 do corrente.

À Rádio Reporter, agora com 1.000 watts de potência, sua direção e funcionários, votos de cada vez maior prosperidade, do COTRIJORNAL.



INAUGURAL

Desde o lançamento, em julho de 1973, do COTRIJORNAL, já vieram a lume três outros jornais dedicados à causa do cooperativismo. Primeiro foi o "Cooperativa-Jornal", editado pela Cooperativa Tritícola Passo Fundo. Posteriormente, o "O Interior", resultado da união de

um grupo de cooperativas da região de Carazinho. Agora vem de circular o "Cotap", órgão da Cooperativa Tritícola Agropastoril Giruá Ltda., da cidade do mesmo nome.

O COTRIJORNAL, ao lançar a seção Espelho da Impren-

sa", congratula-se com as cooperativas co-irmãs e com os colegas jornalistas responsáveis pelos referidos jornais, colocando-se à disposição dos mesmos para colaborar no que estiver ao seu alcance, desejando ao mesmo tempo, neste início de 1975, êxito em suas missões.

VENCEDORES DO HIPÓLITO DA COSTA GOZARÃO PRÊMIO

Os vencedores do concurso de redação sobre a obra "Diário de Minha Viagem para Filadélfia", de Hipólito José da Costa, patrono da Imprensa Brasileira, gozarão o prêmio a que fizeram jus nos próximos dias. O prêmio, constante de viagem a Pelotas e à Colônia do Sacramento, no Uruguai, foi vencido pelos participantes, professores Paulo Germano Breunig, de Ijuí; Egidio Câmara, de Augusto Pestana; Moisés Berles, de Ajuricaba e a professora Vereni C. Burin, de Santo Augusto.

Eles farão a viagem em ônibus especial fretado pela COTRIJUI, na companhia de diretores e altos funcionários da cooperativa e jornalistas de Ijuí, Porto Alegre e Pelotas.

O concurso sobre a obra do patrono da Imprensa Brasileira foi lançado em junho de 1974, tendo por local dependências da FIDENE, sendo entidades patrocinadoras a COTRIJUI, através do COTRIJORNAL, a Associação Riograndense de Imprensa e a FIDENE.

FAZENDEIROS AMERICANOS ESPERADOS DIA 26 EM IJUÍ

Segundo informação que nos foi remetida pela Turismo Bradesco S.A., chegarão a Ijuí no próximo dia 26, um grupo de 37 fazendeiros norte-americanos.

A chegada a Ijuí está prevista para as 12 horas, com traslado para o Hotel Fonte Ijuí. À tarde visita as instalações centrais da coo-

perativa, com jantar à noite oferecido pela COTRIJUI.

Nos dias 27 e 28 os excursionistas visitarão as granjas dos Irmãos Grimm e Carlos Rivaci Sperotto, em Ijuí e Santo Augusto, respectivamente, regressando à tarde deste último dia, para Porto Alegre.

ASSESSORES DA FECOTRIGO ESTIVERAM NA COTRIJUI

Nos últimos dias de dezembro estiveram na COTRIJUI, os srs. Luiz Francisco Terra Júnior e Carlos Alberto Sá Leite, respectivamente, assessor da imprensa e assessor técnico da FECOTRIGO.

Os dois técnicos, que se entrevistaram com diretores e

funcionários responsáveis dos diversos departamentos da COTRIJUI, estavam percorrendo as cooperativas da região do trigo, com vistas a levantamento de custos de produção para a formação dos preços a serem reivindicados para o trigo da safra de 1975.

DIRETORES DA COOPERATIVA DE FORMIGUEIRO NA COTRIJUI

Estiveram em visita a COTRIJUI no último dia 6, tendo sido recepcionados pelo vice-presidente, sr. Arnaldo Oscar Drews, dirigentes da

Cooperativa Mixta Formigueiro Ltda, do município de Ajuricaba.

Foram tratados diversos assuntos de interesse de ambas as entidades cooperativistas.

PROFESSOR FLUMINENSE DESTACA COTRIJORNAL

O professor Singefredo Gondim, do Colégio Agrícola de Campos, estado do Rio de Janeiro, em correspondência enviada ao COTRIJORNAL, data de 3 do corrente, destacou matérias veiculadas na edição de nº 15, dentre elas o encarte da Contabilidade Agrícola, as reportagens sobre ecologia e o melão para o pado.

Ao finalizar sua correspondência, o professor Singefredo Gondim ressaltou a terra do petróleo, com o seguinte fecho de redação: "Aqui na terra do PETRÓLEO, estarei às ordens e ansioso por mais um número do COTRIJORNAL".

Obrigado pelas referências, professor. Nos próximos dias o senhor receberá o nº 16.

ASSOCIADO DA COTRIJUI OBTEM ÊXITO COM NOVILHO PRECOCE

Eng. Agr. RENATO BORGES DE MEDEIROS

No setor da pecuária o novilho precoce tem sido motivo de destaque. Nos últimos meses desta página, temos manifestado a nossa opinião e o nosso apoio. Os primeiros dados obtidos estão ultrapassando as expectativas. Os abates já realizados deixaram os organizadores e produtores satisfeitos. A comercialização, da mesma forma, tem sido animadora. Tudo isto vem demonstrar que a semente lançada na primeira feira de Carazinho no dia 26 de maio de 1973, já está produzindo seus primeiros frutos. Os batalhadores desta inovação estão de parabéns e merecem os nossos cumprimentos. A COTRIJUI também está jubilosa, pois através de seus técnicos tem estado presente em todas as fases desta campanha de inovação tecnológica.

No último COTRIJORNAL manifestamos nossa preocupação com relação à comercialização da carne do novilho precoce. Nesta mesma oportunidade anunciamos que o sr. Avelino Scarton, associado da COTRIJUI, estaria levando um

lote de novilhos para a segunda fase de abates. Assim, procurando colaborar com todos aqueles que de uma forma ou de outra tem participado em todos os trabalhos que envolvem os objetivos da feira do terneiro, vamos a seguir apresentar os resultados preliminares de um lote de terneiros do referido associado que foram abatidos no dia 6 do corrente mês, na cooperativa de carnes de Júlio de Castilhos.

Dos 111 animais abatidos nesta segunda fase, 69 pertenciam ao sr. Avelino Scarton. Eles foram selecionados de 1 lote de 205, adquiridos na primeira feira do terneiro realizada em Carazinho. O restante destes animais serão abatidos nos próximos meses, quando atingirem os 400 Kg de peso vivo. O lote de novilhos a que nos referimos apresentavam uma idade aproximada de 27 meses. De 25 animais amostrados, obteve-se a tabela abaixo. (tabela já publicada no Suplemento Rural do Correio do Povo de 10 de janeiro).

Identificação Racial	Nº de cabeças	Peso Vivo total (Kg)	Peso vivo médio (Kg)	Peso médio carcaça quente	Rendimento %
Hereford	25	10.973,60	438,94	234,00	53,31

Observando esta tabela verificamos que o rendimento de carne foi muito bom, principalmente se compararmos com os rendimentos que normalmente se obtém (50%) no estado. Como o preço de adiantamento foi de Cr\$ 10,00/Kg de carcaça, cada novilho rendeu Cr\$ 2.340,00 em média.

Por ocasião da compra os terneiros apresentavam um peso vivo de 160 Kg em média. Considerando que o peso de abate foi de 438 Kg, verifica-se que no período de 19 meses em que permaneceram na propriedade eles ganharam 278 Kg, o que representa um ganho de 488 g/dia. Como os animais sofreram forte infecção de aftosa e uma sensível perda de peso, cuja re-

cuperação levou mais de 3 meses, nós consideramos que este ganho diário foi muito bom.

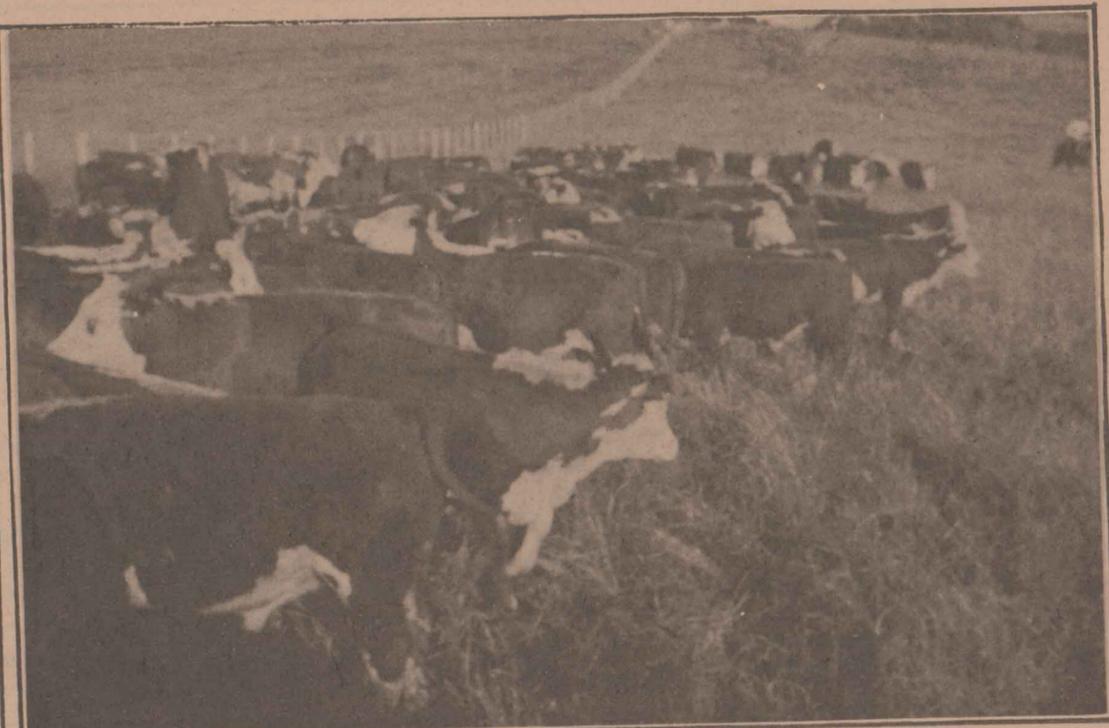
Na estação quente os animais foram mantidos em 50 ha de milho Comum e na estação fria em 50 ha de aveia e avevém. Além desta área eles tiveram acesso a 2 piquetes de Pensacola, o que possibilitou a colheita de sementes de aveia e milho. Do dia 10 ao dia 31 de dezembro de 1974 receberam uma suplementação de ração de terminação, visando melhorar os característicos da carcaça. A resposta em ganho de peso neste período foi de quase 3 Kg/dia em média. Na tabela abaixo são apresentados os custos e receitas por animal e por hectare.

Especificação	Custo Médio de compra	Custo Médio (*) nos 19 meses	Custo total	Receita Bruta nos 19 meses	Receita Líquida nos 19 meses
	Cr\$	Cr\$		Cr\$	Cr\$
Por Unidade Animal	742,00	486,00	1.228,00	2.340,00	1.112,00
Por ha (4 animais)	2.968,00	1.944,00	4.912,00	9.360,00	4.448,00

(*) Não foram considerados os custos fixos.

Observando a tabela nós podemos destacar alguns números. Se compararmos com os rendimentos da pecuária tradi-

cional, que nesta região leva 4 a 5 anos para preparar um animal de 500 Kg, já se pode apontar as vantagens da racionaliza-



O sr. Avelino Scarton abateu 69 novilhos (foto) de um lote de 205 adquiridos na Primeira Feira do Terneiro de Carazinho, obtendo excepcional rendimento.

ção dos métodos criatórios. Enquanto a pecuária tradicional consegue um rendimento de 120 Kg de peso vivo por ha/ano, que corresponde a uma receita bruta de Cr\$ 480,00/ha/ano (Cr\$ 4,00/Kg de peso vivo), o sr. Avelino Scarton conseguiu neste lote de animais obter uma receita líquida de Cr\$ 4.448,00/ha em 19 meses, o que corresponde a Cr\$ 2.808,00/ha/ano. Ainda deve

ser acrescentado que as lavouras de soja e trigo, nesta propriedade estão sendo significativamente beneficiadas com a presença da atividade pecuária. As áreas não indicadas para a agricultura e que são responsáveis pela manutenção de uma produtividade muito baixa dos cereais, estão sendo racionalmente aproveitadas com o estabelecimento de pastagens consorciadas de rhodes e des-

módio, pensacola e setária. As pastagens anuais estão rotacionando com as lavouras de trigo e soja. Nós acreditamos que já neste ano iremos conseguir um perfeito ajustamento entre a agricultura e a pecuária, pois este é exatamente o nosso objetivo — promover o casamento da agricultura com a pecuária através de uma perfeita racionalização dos métodos de exploração da terra.

a melhor receita para multiplicar a produtividade da sua lavoura.



adubos pampa sa

O VERDE DA TERRA

Rua Gravataí, 145 - Caixa Postal, 142 End. Telegráfico "ADUSPAMPA"
Fones: 72-1067 - 72-1383 - 72-1571 - Canoas - RS.

ADUBOS - INSETICIDA - CALCÁRIO

REPRESENTANTES: Comércio e Representações Agrícolas
Caçula Ltda. — R. 15 de Novembro, 448
IJUI — R. GRANDE DO SUL



COTRIJUI DEBATEU PROBLEMAS COM SINDICATOS DA REGIÃO

A exemplo do que já fora realizado no ano de 1973, no dia 30 de dezembro de 1974 a direção da Cotrijui realizou mais uma reunião com as direções dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de sua área de ação, para avaliar a mecânica de comercialização da soja aprovada na reunião anterior, discutir e informar sobre novos empreendimentos desta Cooperativa.

Os trabalhos foram iniciados às 9:00 hs. com a presença dos diretores Ruben Ilgenfritz da Silva e Arnaldo Oscar Drews; presidente da FIDENE; prof. Argemiro Jacob Brum; secretário do IEP, prof. Walter Frantz; presidente da Cooperativa Mista de São Martinho, Luiz José Konzen e presidentes de doze Sindicatos, além de outros membros de direção.

Estiveram presentes os Sindicatos dos seguintes municípios: Ijuí, Augusto Pestana, Ajuricaba, Vila Jóia— Tupanciretã, Santo Augusto, Chiapetta, São Martinho, Coronel Bicaco, Braga, Redentora, Miraguaí e Tenente Portela.

O presidente da Cotrijui justificou a necessidade de se discutir novamente a mecânica de soja. Por unanimidade, foi confirmada a mecânica já adotada pela Cotrijui no ano passado e mesmo porque a mesma será adotada pela maioria das Cooperativas, conforme ficou decidido na última reunião do PEDICOP, realizada em Iraí.

Foi amplamente discutida e analisada a possibilidade de compra estatal da soja. Unanimemente, os presentes chegaram à conclusão que não deverá ocorrer a não ser depois que se tenha certeza de sua viabilidade.

Os presentes foram informados e houve muitas perguntas sobre novos projetos da Cotrijui como: contabilidade agrícola, indústria de óleos em Rio Grande, criação de uma empresa de comercialização e projeto de colonização na Amazônia.

Os presentes foram informados e houve muitas perguntas sobre novos projetos da Cotrijui como: contabilidade agrícola, indústria de óleos em Rio Grande, criação de uma empresa de comercialização e projeto de colonização na Amazônia.

Ao meio dia foi servido churrasco, seguindo-se projeção de eslaides da viagem aos Estados Unidos. A convite do sr. João Teló, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tenente Portela, ficou acertado que a próxima reunião, a realizar-se em fevereiro, será em Tenente Portela, tendo o patrocínio daquele Sindicato. A foto é da reunião, quando falava o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva.

NOVA DIRETORIA DA COOPERATIVA MAUÁ

Iron Rycheski é o novo presidente da Cooperativa de Mauá, eleito e empossado em Assembleia Geral realizada no dia 21 de dezembro último.

Os trabalhos foram iniciados às 15:00 hs. na sede da sociedade Joaquim Nabuco, daquela localidade. Constatou-se a convocação: prestação de contas, aprovação do relatório da diretoria, eleição da nova diretoria e assuntos gerais.

A única chapa apresentada constou dos seguintes nomes: presidente, Iron Rycheski; vice, Armindo Carlos Holze; secretário, Milton Brudna; conselho de administração titulares: Reinaldo Luiz Kommers, Armindo R. Deckert, Artvich Udech e Ricardo Casagrande. Suplentes: Er-

vino Arno Dürkes, Lindolfo Brudna, Egon Krause e Harri Sochinski, Conselho fiscal titulares: Nelson Kommers, Armindo Rosinke, Balduino Litlaus, suplentes Armin Beier, Erich A. Kettenhuber e Walter Beuttlinger.

Votaram 122 associados, dos quais, 107 favoráveis. Compuseram a mesa, além da diretoria, o vereador da localidade sr. Jorge Pommer, subprefeito Milton Brudna e representantes da Cotrijui. Ao final, o presidente eleito usou da palavra, para agradecer aos presentes e conclamar a união de todos. Um dos representantes da Cotrijui saudou os novos eleitos em nome da Cooperativa. Na foto, quando falava o gerente.

SINDICATOS DO MARANHÃO AGRADECEM A COTRIJUI

Irmã Inês A. Oltramari da Ordem dos Comboniano há dois anos completava seus estudos na FIDENE, oportunidade em que fez um estágio na COTRIJUI e se tornou grande amiga desta Cooperativa. Posteriormente, lá do Maranhão, gestionou a ida de um técnico agrícola até aquela localidade, sendo designado o técnico Walter Colombo. Agora, por seu intermédio recebemos a seguinte correspondência:

Mirador, 26 de novembro de 1974. Do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mirador, Maranhão, ao Presidente da Cooperativa Regional Triticola Serana Ltda. — COTRIJUI - RS.

Os Presidentes dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Mirador e Sucupira do Norte, bem como os lavradores, agradecem à diretoria desta Cooperativa pela oferta de sementes de soja que nos enviaram. Agradecemos também pelas análises do solo recebidas, cuja terra foi enviada por intermédio do técnico Walter Colombo. A ele os nossos votos de felicidades. Aproveitamos o ensejo para enviar os nossos protestos de estima e distinta consideração. Atenciosamente, José Ribamar Bonfim Fonseca, presidente do Sindicato de Mirador. Bento Campos-lavrador.

ENCONTRO DE LÍDERES NA FIDENE

Realizou-se na sede Acadêmica da FIDENE, dia 29 de dezembro de 1974, a reunião de encerramento do ano com a presença de 36 líderes rurais do município de Ijuí, além da direção do sindicato, presidente da Cotrijui Ruben Ilgenfritz da Silva e presidente da FIDENE, prof. Argemiro Jacob Brum.

Foram tratados, além dos assuntos específicos do Sindicato, análise da mecânica de comercialização da soja pela Cotrijui, e compra estatal da soja. Este assunto voltará a ser discutido em reuniões preparatórias para teses a serem apresentadas na 12ª Conferência Estadual da soja, que se realizará em fevereiro próximo, na capital do estado.

O prof. Argemiro Jacob Brum informou sobre a vida da FIDENE e da reforma estatutária, onde é permitida a participação de representantes dos agricultores na assembleia daquela Fundação — órgão máximo de decisões.

REUNIÃO EM PINHAL

Atendendo solicitação dos associados do Núcleo de Pinhal, em Ajuricaba, para a instalação da COTRIJUI, de posto de consumo, foi realizada uma reunião dia 30 de dezembro que passou, no clube da localidade, a fim de se informar e discutir as exigências para a instalação de um posto de Consumo. Estavam presentes mais de 150 agricultores, além dos professores do local e representantes da COTRIJUI.

Ficou acertado que posteriormente se faria uma pesquisa sócio-econômica a fim de verificar a viabilidade da instalação do referido posto. Os delegados dos núcleos de Pinhal, São Francisco, Madeireira, Pranchada, Esquina Umbu, Bom Sucesso, Barro Preto, Timbosal e Monte Alvão, área compreendida na região de Pinhal, fariam a distribuição e aplicação de questionários elaborados pela Cooperativa.

Ao final da reunião houve projeção de eslaides sobre a viagem aos Estados Unidos.

ASSEMBLÉIA EM SANTO AUGUSTO

Tendo por local o CTG. Pompilho Silva, daquela cidade, no dia 15 de novembro último, com início às 15:00 hs. reuniram-se direção e associados daquele Sindicato, sob a presidência do sr. Edmundo Stadler, mais representante do Escritório de Porto Alegre e grande número de associados. Foram discutidos e aprovados os seguintes assuntos: Suplementação de verba para 1974; Construção de um ambulatório médico.

O representante da Cotrijui, prof. Eurico Prauchner que se fazia presente, informou sobre a conclusão e funcionamento do Supermercado da Cooperativa em Santo Augusto, a implantação do sistema Repasse para aquela cidade, já para a próxima safra de trigo e Excursão de associados da Cooperativa ao Terminal de Rio Grande.

SINDICATO DOS ESTIVADORES DE RIO GRANDE

O sindicato dos estivadores da cidade de Rio Grande, pode ser considerado modelo, em seu gênero, talvez em todo o Brasil. Apesar de possuir um quadro social pequeno — 550 sócios efetivos e 2.000 avulsos, possui uma ampla e confortável sede própria, onde estão instaladas todas as seções de expediente e mais um amplo salão de conferências, restaurante no cais do porto, onde serve cerca de 500 refeições diárias e gabinetes médico e dentário para o quadro social e familiares.

De que maneira o sindicato retira recursos para manter com superavit o seu orçamento? É explicada a seguir por seu presidente, sr. Arlindo Berneira Machado. O sindicato rio-grandino é administrado de maneira tipi-

camente empresarial, disse o sr. Arlindo Berneira Machado. Apesar do montante financeiro arrecadado através das mensalidades dos sócios ser pequeno, o sindicato amplia sua renda através do aluguel de sua frota de máquinas empilhadeiras da exploração do restaurante, de garagem e ponto de estacionamento de veículos. O sindicato, que possui um escritório moderno, tenta padronizar os recebimentos devidos aos estivadores, feito pelas empresas contratantes de estiva, fazendo com que o próprio sindicato efetue esses pagamentos. O presidente acha que os estivadores, recebendo o dinheiro diário, ao final de cada tarefa, são estimulados a gastá-lo muitas vezes sem necessidade imediata.

SUPERINTENDENTE DA SUNAB VISITOU A COTRIJUI



Nos últimos dias de dezembro que passou, o superintendente nacional da SUNAB, eng. agr. Rubem Noé Wilken, esteve em visita a COTRIJUI, tendo se entrevistado com seus diretores, o também eng. agr. Ruben Ilgenfritz da Silva, presidente e Arnaldo Oscar Drews, vice-presidente. O superintendente da SUNAB, que estava acompanhado do sr. Heitor Kruehl Fogliatto, associado da COTRIJUI e residente no município de Tupanciretã, tratou com os dirigentes da cooperativa de assuntos de interesse de ambas as organizações.

O visitante foi fotografado quando se encontrava observando as obras da nova sede da cooperativa, no bairro Ilgenfritz.

GEÓGRAFO PROPÕE NOVO TRANSPORTE DE TRIGO E SOJA

O geógrafo José Alberto Moreno, funcionário da Central de Comandos Mecanizados de Apoio à Agricultura, da Secretaria de Agricultura do Estado, pretende patentear, como invento, o que denomina "tubulação para transportar cereais por gravidade", utilizável em escarpas, encostas do relevo terrestre, consoante informou ele à imprensa.

Mostrando mapas da área central do Planalto rio-grandense, onde está concentrada cerca de 80% da população anual de trigo e soja do Estado, José Alberto Moreno disse ter encaminhado seu trabalho para registro de patente. Aduziu que, aplicado no Rio Grande do Sul, facilitaria extremamente o transporte de trigo e soja, entre a região produtora e Porto Alegre ou o porto marítimo de Rio Grande.

Alega José Alberto Moreno que o seu "cerealduto" economizaria tempo, combustível e rodovias, bem como o desgaste de material de transporte.

Em síntese, trata-se de uma variante do processo de transporte de grãos, do Planalto para o Litoral do Estado,

substituindo o transporte exclusivo pelas rodovias por um sistema misto rodoviário-fluvial, com a implantação de um porto no rio Jacuí, um pouco abaixo da barragem de Itauba, atuando este porto como terminal de estradas alimentadoras. As cargas seriam trazidas, via rodoviária, até o porto, e despejadas, através de tubulação do alto de uma escarpa lá existente até o silo, cá embaixo.

Os navios seriam carregados também por gravidade, com a utilização de tubulação secundária, pois atracariam abaixo do silo. Com o sistema de barragens-eclusadas, ora em implantação, o ponto abaixo de Itauba, indicado pelo sr. José Alberto Moreno permitiria acesso às embarcações que fazem a linha Jacuí-Rio Grande, através do rio Guaíba e da lagoa dos Patos.

Em sua condição de geógrafo, José Alberto Moreno observou ser absolutamente viável a aplicação desse processo, pois no local de sua preferência, às margens do Jacuí, o Planalto se aproxima a uma distância de cerca de 350 metros de desnível em relação ao leito do rio.

PLANTE SORGOS

A NOSSA MAIS NOVA RIQUEZA

Sorgos Híbridos CONTIBRASIL. Menos custos na lavoura. Maior rapidez entre o plantio e a colheita. Maior resistência às mais ásperas condições do tempo. A mais nova riqueza agrícola do Brasil é o sorgo.

SORGOS HÍBRIDOS

CONTIBRASIL

informações e pedidos:

A. HEBERLE

Exportação e Importação Ltda.

Rua dos Andradas, 1560 Galeria Malcon
17º andar - Fone 25-8386 Porto Alegre

A TREVO SAÚDA OS 9 MIL ASSOCIADOS DA COTRIJUI PELA INAUGURAÇÃO DOS SUPERMERCADOS DE AJURICABA E SANTO AUGUSTO.

Dois supermercados-um em Ajuricaba e outro em Santo Augusto.

A Trevo estará presente nestes dois centros de venda, apresentando seu adubo para hortas e jardins, em pacotes de 2 quilos.

Sua primavera será mais verde com os adubos em pacote da Trevo, que você encontra agora também nos supermercados da Cotrijuí.

ADUBOS TREVO

INDÚSTRIAS LUCHSINGER MADÖRIN S.A.

A Cotrijuí criou um novo serviço para atender os seus milhares de associados.



CADERNO DE AVISOS

Janeiro de 1975

PAULISTAS ESTUDAM EMPREGO DA ENERGIA SOLAR NA AGRICULTURA

O primeiro laboratório paulista de aproveitamento da energia solar na agricultura começará a ser montado em fevereiro próximo, na Universidade Estadual de Campinas. Segundo as previsões, em setembro já estará sendo utilizado na secagem de grãos de café, soja, feno, cereais em geral e outros produtos que exigem baixa temperatura ambiente para se livrar da

umidade.

A pesquisa, desenvolvida pela Faculdade de Engenharia da referida Universidade, integra um grupo de projetos destinados a aproveitar a luz do sol, que também será empregada na produção de gelo para a indústria pesqueira armação de coletores para aquecimento e destilação de água para uso doméstico e diversificação das

aplicações das fotocélulas.

Segundo os especialistas, o novo sistema de secagem está diretamente vinculado ao esquema de armazenamento de produtos agrícolas, cujas unidades passarão a receber tratamento direto, eliminando praticamente todo o índice de perda que se verifica dos produtos.

CUIDADOS NO USO DE INSETICIDA

1. Evitar o contato com a pele, mãos e olhos. Recomenda-se o uso de macacão, luvas, máscaras e óculos, ao preparar a calda.

2. Fazer a aplicação sempre a favor do vento, evitando assim, que o mesmo traga de volta o produto para o rosto

ou as mãos.

3. Não desentupir os bicos dos aparelhos com a boca. Não se alimentar ou fumar quando estiver trabalhando com inseticidas.

4. Após o trabalho, tomar banho com água e sabão e trocar de roupas.

5. Não lavar o pulverizador em rios, perto de moradias, estábulos, bebedouros ou lugares acessíveis pelo homem ou animais domésticos.

6. Manter os inseticidas fora do alcance das crianças e enterrar as latas vazias após o uso.



INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL EM CORONEL BICACO

O bonito exemplar terneiro que aparece na foto é o primeiro produto de inseminação artificial nascido no município de Coronel Bicaco. Trabalho desenvolvido por Técnicos da COTRIJUI.

O terneiro, de propriedade do sr. Hugo Scheurer, resi-

dente em Esquina São João, interior do município, é produto de semen Fleckwi em ventre de Jersey. Aos 30 dias de vida, pesou 71 quilos. A inseminação artificial é a solução para se ter bovinos de melhor qualidade e de raças definidas, além de ser bem mais econômico o sistema de reprodução.

Em convênio com as prefeituras municipais locais, a COTRIJUI já mantém setores de inseminação artificial em bovinos nos municípios de Ijuí, Santo Augusto, Chiapetta, Tenente Portela, Ajuricaba, Augusto Pestana e Vila Jóia (Tupanciretã), além de Coronel Bicaco.

VEJA A IMPORTÂNCIA DAS COOPERATIVAS DE PRODUÇÃO

Do total de 464 cooperativas no Rio Grande do Sul, 250 são cooperativas de produção, cujo volume total de vendas, em 1972, atingiu Cr\$ 1,88 bilhão, o que indica a grande importância econômica desse sistema de associação de produtores rurais no Estado. Dentro das cooperativas de produção as tritícolas (trigo e soja) são as que mais se destacam por sua rele-

vância econômica. As 36 existentes no Estado faturaram em 1972 faturaram um total de Cr\$947,2 milhões. Em segundo lugar estão as cooperativas de carnes, que venderam um total de Cr\$ 348,3 milhões em 1972.

É a seguinte a classificação e o número de cooperativas existentes no Rio Grande do Sul:

Cooperativas de Produção:			
Tritícolas	36	Médicas	13
Orizícolas	19	Telefônicas	3
Carnes	13	Inseminação Artificial	4
Lãs	13	Transportes	2
Laticínios	11	Aviação Agrícola	1
Vinícolas	20	Água	1
Agropecuárias	23	Pedra	1
Suinoctores	4	Trabalho	1
Agrícolas	37	Consumo	97
Agrícolas Mistas	50	Cooperativas de Crédito	54
Mistas	15	Cooperativas Habitacionais	19
Diversas	9	Sub-Total	464
Total	250	Federação de Cooperativas	8
Cooperativas de Prestação de Serviço e Consumo		Total	472
Eletrificação Rural	18		

ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA A III FEIRA DO TERNEIRO

Os interessados na compra ou venda de terneiros nas feiras deste ano devem se dirigir a 21ª Inspetoria Zootécnica que atua junto ao Departamento Técnico da COTRIJUI,

em Ijuí. Na tabela abaixo estão especificados os locais e datas de cada feira, bem como o período de inscrições:

Município	Data das Feiras
São Francisco de Paula	04 a 06 de abril
Bagé	11 a 13 de abril
Rosário do Sul	18 a 20 de abril
São Borja	02 a 04 de maio
Santa Maria	16 a 18 de maio
Pelotas	30 maio a 1º junho
Carazinho	13 a 15 de junho
Encerramento das Inscrições	até 12 de abril
	até 26 de abril

Maiores esclarecimentos podem ser obtidos junto ao Departamento Técnico da COTRIJUI, em Ijuí.

RESERVA DE SEMENTE FORRAGEIRA DE INVERNO

Os associados interessados em estabelecer pastagens de inverno devem fazer os seus pedidos de reserva de sementes até o dia 15 de março. Estarão à disposição sementes das seguintes espécies e cultivares:

Perenes: Festuca, Trevo Branco, Cornichão.

Anuais: Azevém, Aveia Coronado, Aveia Suregrain, Aveia Ipecuem, Aveia Preta, Centeio Crioulo, Centeio Abruzzi, Trevo Incarnado, Trevo Yuchi, Trevo Vermelho.

quanto mais cedo forem feitos os pedidos, melhores condições teremos de comercializar as sementes que sobram.

RELAÇÃO DOS ASSOCIADOS QUE NÃO

NOME	ENDEREÇO	FOLHA	LIVRO	MATRICULA
ACACIO ANTONIO DA ROCHA	CEL. BICACO	41	41	9400/508
ADÃO BOLICO ZIMMERMANN	REDENTORA	23	45	10185/577
ADÃO BORGEMANN	REDENTORA	40	41	9399/577
ADÃO DANIEL BARCELOS DE CAMPOS	CEL. BICACO	157	43	9918/507
ADÃO PEZZINI	CEL. BICACO	164	43	9925/503
AGRIPINO BORGES SANTOS	REDENTORA	46	41	9405/577
ALBINO KRAUSE	AJURICABA	36	41	9395/504
ALFREDO JULIO RIBEIRO	CEL. BICACO	20	41	9379/509
AMADOR MOREIRA DE OLIVEIRA	CEL. BICACO	19	45	10181/504
ANTONIO CARPES	CEL. BICACO	197	22	5404/177
ANTONIO DONI DINIZ	CEL. BICACO	99	21	5057/507
ANTONIO JOSE FARESin		169	43	9930/507
ANTONIO MINHANTI DA SILVA	CEL. BICACO	156	43	9917/551
ANTONIO RODRIGUES MORAIS	CEL. BICACO	192	22	5399/505
ANTONIO TADEU POLICENO	CEL. BICACO	194	22	5401/577
ARI BIELESKI	CEL. BICACO	9	41	9368/507
ARISTIDES GONÇALVES PACHECA		5	41	9364/501
ATAIDES VIEIRA DE SOUZA	CEL. BICACO	138	37	8697/507
BRAULIO CARDOSO DE MOURA	CEL. BICACO	27	21	4985/508
BRASDORICO MARQUES BRASIL	CEL. BICACO	158	43	9919/503
CONSTANTINO GONÇALVES	CEL. BICACO	37	41	9396/551
DANIEL DORNELES MARQUES	CEL. BICACO	45	41	9404/503
DARCI GEHN	CEL. BICACO	159	43	9920/501
DAVID DORNELES DA ROSA	CEL. BICACO	167	43	9928/502
DOMINGOS BORGES RANGEL	REDENTORA	160	43	9921/508
DUILIO PARANHOS	CEL. BICACO	23	41	9382/577
ELIO ADÃO GUTERES	CEL. BICACO	154	43	9915/508
ELIO SOUZA DOS SANTOS	CEL. BICACO	14	41	9373/551
EMIDIO FAGUNDES	CEL. BICACO	163	43	9924/507
ENGUELLHERTE FRANCISCO HAMANN		134	37	8693/501
ERNESTO CLEMENOS DEMIGUELLI	CEL. BICACO	13	45	10175/504
EROY FERNANDES DE MOURA	REDENTORA	132	37	8691/509
EUGENIO FRYDRISZEŃSKI	CEL. BICACO	43	41	9402/551
FIORAVANTE FIORELA PIENIZ FAVO	REDENTORA	166	43	9927/506
FRANKILIN PINHEIRA	CEL. BICACO	17	41	9376/577
GENTIL GÖBBI		159	37	8718/504
HERMOGENIO BREATO DE ALMEIDA	CEL. BICACO	35	37	8594/503
HONORIO VARGAS LEMES	REDENTORA	2	41	9361/502
IRINEU JOSÉ CATTO	REDENTORA	161	43	9922/504
IVO CARLITO BECK	REDENTORA	34	41	9393/501
IVO SENO	CEL. BICACO	196	22	5403/502
JACINTO FERRANDO BORGES	CEL. BICACO	6	41	9365/508
JOÃO BATISTA LAGNER	REDENTORA	4	26	6210/503
JOÃO BERLEZI FILHO		189	37	8748/551
JOÃO CARLOS OLIVEIRA AMARAL	CEL. BICACO	16	45	10178/503
JOÃO DIAS GORZES	CEL. BICACO	39	41	9398/503
JOÃO KERPEL	CEL. BICACO	135	37	8694/508
JOÃO LUIZ KERPEL	CEL. BICACO	15	45	10177/507
JOÃO RODRIGUES DORNELLES	CEL. BICACO	18	41	9377/506
JOSÉ ARMINDO SIQUEIRA DA CRUZ	CEL. BICACO	17	45	10179/577
JOSÉ LUIZ FAREZIN	CEL. BICACO	14	45	10176/551
JOSÉ NERI SOARES DA CRUZ	REDENTORA	51	41	9410/503
JUVENAL ALMIRO DE MOURA	CEL. BICACO	247	23	5704/502
LEOCLIDES R. CASSOL		44	38	8803/501
LORENO ANTONIO DE OLIVEIRA	REDENTORA	11	45	10173/501
LUCIANO CARVALHO RODRIGUES	CEL. BICACO	44	41	9403/507
LUIZ BERLEZI	CEL. BICACO	24	41	9383/506
LUIZ VALDEZ BARRIQUELO	CEL. BICACO	153	43	9914/501
MARCIRIO DE SOUZA BUENO	CEL. BICACO	10	41	9369/503
MARINO RODRIGUES DE MORAIS	CEL. BICACO	18	45	10180/508
MISSIAS REGEL		52	38	8811/504
ONOFRE GRACILIANO DE ABREU	CEL. BICACO	3	20	4712/102

ASSINARAM O LIVRO DE MATRICULA

ORACIL DORNELES DA ROSA	REDENTORA	49	41	9408/509
OSCAR BIRKCHALM	CEL. BICACO	16	41	9375/503
OSMILDO PEDRO BIELESKI	CEL. BICACO	35	37	8596/506
OSVALDO BANDEIRA	CEL. BICACO	32	41	9391/509
PASCOAL BELLON		103	36	8462/577
PEDRO ADRIANO RODRIGUES SILVA	MIRAGUAI	40	22	5247/551
PEDRO ALVES DE OLIVEIRA	CEL. BICACO	146	29	7096/505
PEDRO RIBEIRO DA ROCHA		63	38	8222/506
PERI GARCIA FERREIRA	CEL. BICACO	22	41	9381/503
PLACIDES NUNES CAVALHEIRO	CEL. BICACO	10	41	9369/503
POLIDORIO DA SILVA	CEL. BICACO	162	43	9923/551
QUINTO JUNIOR BAGGIO	CEL. BICACO	12	45	10174/502
RAFAEL SHIMANOSKI	CEL. BICACO	33	41	9392/505
RICARDO MILCZAREK	CEL. BICACO	40	41	9406/506
RODOLFO SIMONINI	CEL. BICACO	42	41	9401/504
SADI DORNELLES BRASIL	CEL. BICACO	22	45	10184/503
SÉRGIO ROBERTO DOS SANTOS	CEL. BICACO	33	37	8592/551
SILVIO COTTO SOBRINHO	REDENTORA	134	37	8696/551
TRAJANO LIMA BITENCOUNTT	REDENTORA	152	43	9913/505
VALCIR DALLABRIDA	REDENTORA	20	45	10182/551
VALDOIR ALMEIDA DE CAMPOS		155	43	9916/504
VALDOMIRO BENZONHIM	CEL. BICACO	146	24	5853/104
VASCO BREČZŃSKA	CEL. BICACO	184	22	5391/504
VERGILIO ZANELLA	CEL. BICACO	2	37	8561/508
VERÍSSMO DA SILVA AVILA	CEL. BICACO	187	22	5394/507
VIEENTE ANTUNES DE OLIVEIRA	CEL. BICACO	38	41	9397/507
VICTORIO FAREZIN	CEL. BICACO	38	37	8597/502
VILMAR DA SILVA AVILA	CEL. BICACO	35	41	9394/508
VITORIO SPERENDI	CEL. BICACO	1	41	9360/506
WALDEMAR HELDT	CEL. BICACO	17	20	4726/103
WALDEMAR STEPANZIKI	CEL. BICACO	165	43	9926/577
WALDOMIRO BIZONHIN		76	38	8835/551
WALFRIDES FAGUNDES DOS SANTOS	REDENTORA	50	41	9409/505
WALTER BORANBO LUTZ CORREA	CEL. BICACO	12	41	9371/508
WALTER JOBAR DE SOUZA	CEL. BICACO	193	22	5400/503
WALTEZER ALVES MORAIS	REDENTORA	48	41	9407/502
WILSON GONÇALVES DA SILVA	CEL. BICACO	21	45	10183/507
ABEL SALDANHA MARTINS		146	36	8505/608
ABILIO ALCIDES ROSA	CHIAPETTA	190	41	9549/609
ADÃO PEDRO ROSA GOBO	CHIAPETTA	74	41	9433/651
ADI GLITZ	CHIAPETTA	169	41	9528/601
ADILON BURTET	TUPANCIRETÁ	102	41	9461/604
ADROALDO GABERT ESTOPILHA	STO. AUGUSTO	92	41	9451/609
ALBANO WALTER DASSON		172	41	9531/602
ALBERI BOIARSKI	CHIAPETTA	185	43	9946/608
ALBERTO PAULO KLAB	CHIAPETTA	84	41	9443/606
ALBERTO PAULO MARON	CHIAPETTA	112	35	8271/607
ALBINO ANTONIO VIECELLI	CHIAPETTA	46	37	8605/602
ALBINO ROZIM	CHIAPETTA	70	35	8229/651
ALCEU LEMOS SCHMEDECKE		171	41	9530/606
ALCINDO BONERT	CHIAPETTA	193	43	9954/651
ALEXANDRE DELGADO	CHIAPETTA	145	37	8704/651
ALEXANDRE STOPILHA	CHIAPETTA	177	23	5634/601
ALFREDO DELATORRE	CHIAPETTA	181	41	9540/601
ALFREDO ESAN GOETZ	CHIAPETTA	69	35	8228/604
ALFREDO MARTINI	CHIAPETTA	185	41	9544/607
ALFREDO ROZIM	CHIAPETTA	174	35	8333/602
AMAURY LEMOS SCHMADECKE	CHIAPETTA	77	41	9436/677
AMERICO FRANCO RODRIGUES	CHIAPETTA	66	41	9425/608
ANADIR FERREIRA DA ROSA	STO. AUGUSTO	187	43	9948/651
ANGELO GONDOLO	STO. AUGUSTO	75	41	9434/607
ANSELMO RANSORFER	CHIAPETTA	68	35	8227/608
ANTONIO COSSETIN	CHIAPETTA	68	41	9427/651
ANTONIO FRANCISCO MABONI	CHIAPETTA	161	35	8317/607

MANEJO DAS PRAGAS DA SOJA NO SUL DO BRASIL

Artigo de Autoria de S.G. TURNIPSEED,
técnico norte-americano.

1 - Crescimento da Soja e Compensação para Danos.

O crescimento e desenvolvimento da soja permite sua recuperação sem decréscimo no rendimento ou qualidade devido a alguns danos ao estande, folhas e também vagens. Estandes de 15 plantas/metro podem ter o mesmo rendimento que os de 30 plantas; lavouras com 35% de desfolhamento por insetos antes da floração podem ter o mesmo rendimento que as lavouras sem desfolhamento; e houve recuperação da perda de vagens no início da estação.

O fato de que o rendimento não está reduzido mesmo quando ocorrem danos consideráveis, permite-nos atrasar a aplicação de inseticidas mesmo quando há muitos insetos. Se as aplicações de inseticidas forem retardadas sem perda no rendimento ou qualidade, podem ser muitas vezes completamente evitadas. As populações de pragas flutuam naturalmente e frequentemente continuam a níveis baixos por ação de doenças, predadores e parasitas.

2 - Insetos da Soja, Tipo de Danos e Controle.

A) Antes do desenvolvimento das vagens: Maiores perdas no rendimento ocorrem devido ao desfolhamento por *Anticarsia* e outros insetos mastigadores das folhas menos numerosos tais como *Plusia*, *Diabrotica* e *Epicauta*. Às vezes, estandes podem ser reduzidos por *Elasmopalpus* até o nível em que o rendimento está reduzido. Também, *Lasboreysia*, pode danificar as pontas em crescimento, mas o rendimento geralmente não é afetado.

Para *Elasmopalpus* nas plântulas da soja, o tratamento não devia ser considerado a não ser que ocorresse 25-50% de redução no estande. Aplicar inseticidas apenas nas áreas mais severamente danificadas com uma aplicação de 0,5 Kg de Diazinon por hectare, diretamente na base das plântulas. O melhor método é controle cultural planta-

do cedo nas áreas comumente atacadas.

Para *Anticarsia* e outros mastigadores das folhas, a aplicação de inseticidas não é recomendada antes do desfolhamento alcançar 30%. Carbaril a 0,4 Kg/ha é efetivo contra *Anticarsia*, *Diabrotica* e *Epicauta*. Dipel a 0,3 Kg/ha é efetivo contra *Anticarsia*. Outros inseticidas efetivos, mas são mais tóxicos aos insetos benéficos. Matomil é efetivo contra os insetos acima e *Plusia* a 0,35 Kg/ha. A mais grave praga das folhas é *Anticarsia*. Quando ocorre esta praga, precisa-se observar o desenvolvimento regularmente. Se há muitas lagartas de tamanho pequeno e médio, tratamentos podem ser desejáveis a um nível de desfolhamento mais baixo. As lavouras devem ser examinadas cada 4 ou 5 dias.

B) Depois do começo do desenvolvimento das vagens: este é o período mais crítico para a perda das folhas. Observações sobre as populações dos percevejos são necessárias, iniciando nesta época.

Para os mastigadores, inseticidas deviam ser aplicados quando ocorrer um nível de 15% de desfolhamento.

Para percevejos recomenda-se tratamento quando houver 2 percevejos/m de fileira (fileira de 60 cm) que tenham 1/2 cm ou mais de comprimento. Para determinar os números, sacudir as plantas sobre uma lona. Matilparatiom a 0,3 Kg/ha é efetivo no controle aos percevejos. Sevin e Lanate ou Metomil não são recomendados. Aplicar inseticidas apenas nas lavouras ou áreas do campo que possuam altas infestações, ou seja, de dois ou mais percevejos/m de fileira.

3 - Inseticidas e Agentes de Controle Natural.

Se os inseticidas são aplicados no início da estação, quando não forem necessários, há desperdício de dinheiro e o potencial para controle natural é drasticamente reduzido no fim da estação. Pouca *Plusia* ou *Anticarsia* não afetará o rendimento, mas pode servir de alimento para predadores e de meio para o desenvolvimento das doenças dos insetos. Assim, a aplicação de inseticidas desnecessária po-

de causar mais malefícios do que benefícios pelo distúrbio que causa ao equilíbrio biológico na lavoura. Quando isto acontecer, a praga pode aumentar mais rápido e alcançar níveis mais altos, causando a necessidade de uso adicional de inseticidas.

Devido a isso, é óbvio que inseticidas não deviam ser aplicados até que a aplicação ou a qualidade esteja sendo ameaçada.

Quando os inseticidas não são necessários, aqueles que permitem a sobrevivência das anemias naturais deveriam ser selecionados. As dosagens não devem ser mais altas do que necessário para controlar a incidência da praga. Por exemplo, se a *Anticarsia* está destruindo 30% das folhas no início da estação, não é necessário aplicar metilparatiom o qual causa destruição dos inimigos naturais. Carbaril, em baixas dosagens, controla *Anticarsia* sem ampla destruição dos inimigos naturais. Contudo, se os percevejos estão prejudicando as vagens no final da estação, metilparatiom é necessário porque carbaril não é efetivo contra percevejos. Alguns inseticidas como Endrim monocrotophos (Azodrin ou Nuvacron) não deviam ser usados devido ao efeito nos inimigos naturais e os resíduos de inseticida na soja colhida.

4 - Como fazer Observações na Lavoura e Decidir sobre o Tratamento.

No sul do Brasil, maiores perdas podem ocorrer devido ao desfolhamento por *Anticarsia* e danos aos grãos por percevejos. Também, em algumas áreas, redução no estande por *Elasmopalpus* pode causar perda econômica. Assim, o agricultor necessita pensar sobre 3 perguntas: 1 - A destruição das plântulas por *Elasmopalpus* está causando 25-50% de redução no estande em qualquer área da lavoura? 2 - O desfolhamento por *Anticarsia* está alcançando níveis de perda do rendimento? 3 - Há bastante percevejos para causar perda no rendimento, devido a danos aos grãos?

Para *Elasmopalpus*, lavouras com danos, deveriam ser percorridas a pé. Se 25 a 50 de cada 100 plantas tem danos em várias áreas, estas áreas devem ser tratadas. Faça observações logo após emergência. Após os colos ficarem duros, não é necessário

ficar preocupado sobre este inseto.

Para danos por *Anticarsia* fazer observações prévias por % de desfolhamento em vez da presença de *Anticarsia*. Caminhar em volta da lavoura e andar a pé dentro e através das lavouras maiores, procurando por desfolhamento. Até o fim do estágio de floração não é necessário preocupar-se com quais ou quantos insetos estão presentes a não ser que haja considerável desfolhamento. (Lembre-se que não há perdas no rendimento para desfolhamento de 30% através da floração e 15% durante o desenvolvimento das vagens). Se ocorre desfolhamento, procurar o inseto que está causando os danos (geralmente *Anticarsia*). Sacudir 1 m de fileira sobre uma lona e contar o número de lagartas. Fazer 4 amostras de 1 m de fileira de vários lugares, dependendo do tamanho da lavoura. O tratamento devia ser recomendado quando os níveis de desfolhamento (30 ou 15%) estão sendo alcançados e uma população de 20 ou mais *Anticarsia* do tamanho de 1 cm ou mais estão presentes. Fazer uma estimativa de desfolhamento por exames de áreas dentro da lavoura. Depois tirar plantas individuais e examinar todas as folhas nas várias plantas. Comparar com as recomendações finais deste trabalho.

Exemplo 1: As sojas que estão começando a florescer estão com 15% de desfolhamento. Há 15 larvas com 1 1/2 cm de comprimento por metro de fileira e 20-30 lagartas menores. Nenhuma lagarta está morrendo da doença. O tratamento pode ser recomendado ou o campo ser verificado novamente em 4 dias.

Exemplo 2: As sojas que estão começando a florescer estão com 20% de desfolhamento. Há 15 lagartas com 1 1/2 cm de comprimento e poucas pequenas. Muitas lagartas maiores estão morrendo de *Spicaria*. Não aplique inseticidas, mas verifique o campo novamente em 4 dias.

Exemplo 3: As sojas que tenham vagens meio formadas estão com 10 a 15% de desfolhamento. Há 20 lagartas grandes por metro de fileira. Aplique o controle.

Para o tratamento de percevejos não há necessidade de verificar os campos até que as vagens comecem a encher. Utilize uma lona para estimar a população na maneira acima descrita. As populações de percevejos geralmente são mais altas nas bordas dos campos, junto a matos ou áreas inçadas. Tire a maioria das amostras nas bordas do campo e menos da parte central. Pode ser necessário tratar as bordas ou os cantos do campo ao

invés da área inteira. Trate, se houver 2 percevejos de 1/2 cm ou mais de comprimento por metro de fileiras, quando as mesmas têm 60 cm entre si. Não considere percevejos menores até o número chegar em torno de 2 percevejos grandes por metro. Para fileiras com espaçamento de 90 cm use o critério de 3 por metro. Os campos devem ser verificados cada semana ou no máximo 10 dias, dependendo do número de percevejos.

Exemplo 1: Um campo de soja plantado com espaçamento de 60 cm está em pleno florescimento e tem dois percevejos com 1/2 cm de comprimento do metro de fileira. Não trate. Verifique novamente o campo entre 7 e 10 dias quando as vagens estão presentes.

Exemplo 2: Um campo de soja plantado com espaçamento de 60 cm está com vagens meio desenvolvidas. Há uma média de 2 a 3 percevejos de 1/2 cm por metro de fileira em um lado do campo, zero no centro e zero no outro lado. Trate com methyl parathion somente no lado do campo que tem percevejos.

Exemplo 3: Um campo de soja plantado com espaçamento de 60 cm têm vagens que estão começando a encher. Há uma média de 1,5 percevejos com 1/2 cm de comprimento por metro de fileira e muitos menores distribuídos por todo o campo. Aplique o inseticida em todo o campo.

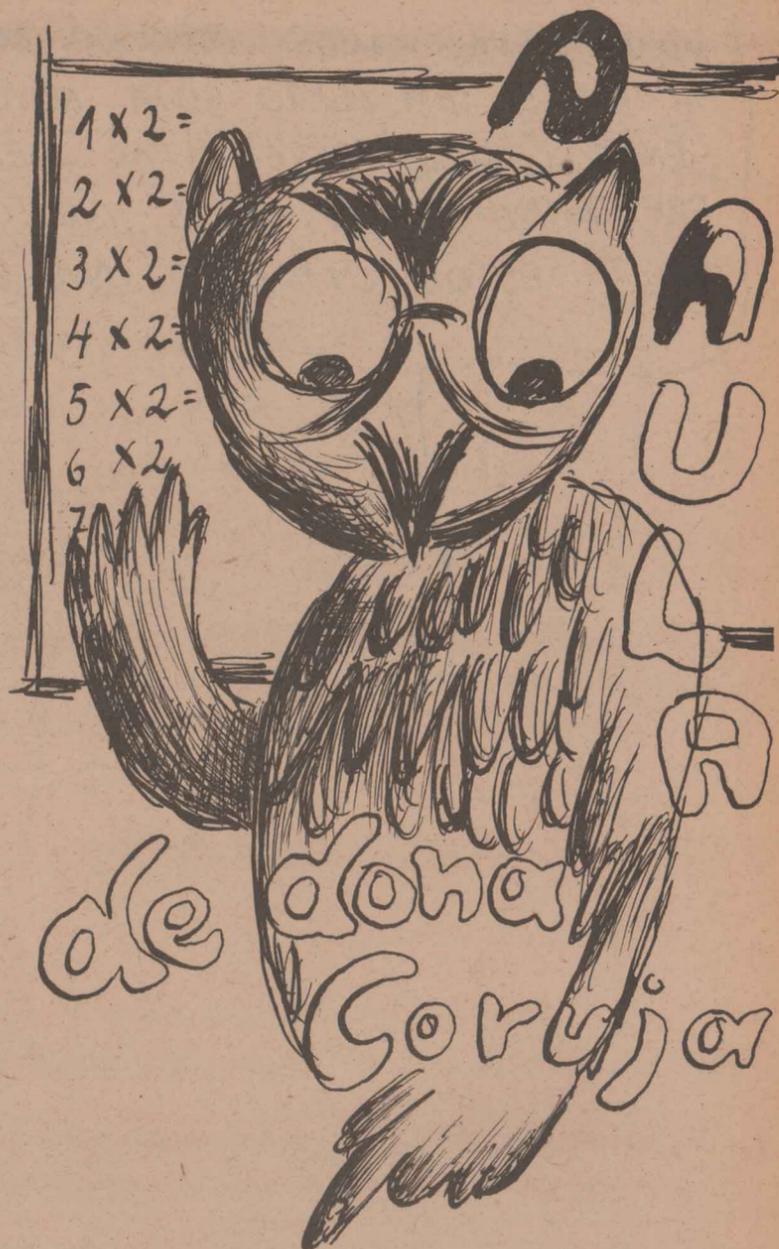
Observações finais: As observações indicam que possivelmente mais de metade das aplicações de inseticidas em soja não são necessárias. Estas aplicações desnecessárias aumentam as despesas dos agricultores e perturbam o balanço natural de fatores de controle. Enquanto não haja uma maneira absoluta para determinar quando os inseticidas devem ser aplicados, podemos usar os métodos descritos aqui para melhorar o sistema de aplicação. O número médio de aplicações pode ser substancialmente reduzido sem causar riscos ao rendimento ou qualidade do grão de soja.

Contribuições substanciais podem ser obtidas se nós agricultores em nossa região, compreendermos que: 1, a soja compensa para reduções no estande, desfolhamento ou até mesmo danos às vagens; 2, um número reduzido de insetos mastigadores das folhas não provocam redução de rendimento; 3, os fatores naturais de controle frequentemente não permitem que as pragas causem decréscimo no rendimento. Finalmente devemos saber que os inseticidas devem ser usados racionalmente, só quando necessário.





Suplemento Infantil – COTRIJORNAL – Janeiro/75



Numa aula de matemática, em que Dona Coruja se entusiasmava com a tabuada, surgiu do meio dos alunos esta pergunta inesperada: — Fessora, como é que nascem os ratinhos?

Um sapinho muito esperto respondeu logo:

— Os sapinhos nascem do escuro.

Ninguém ali sabia muito direito como é que se nascia. Um dia a mãe da minhoca tentou explicar como é que as minhoquinhas nasciam. Mas ela deu uma explicação tão complicada que ninguém conseguia entender.

Dona Coruja estava muito preocupada com a “educação”. Disse que é muito

mais importante fazer contas do que saber destas coisas.

— O que é “educação”?

— perguntou a raposinha

— Uma raposinha educada não enfia o dedo no nariz, fica quieta quando os grandes falam, lava as mãos antes de comer, está sempre limpinha, não pergunta coisas que criança não precisa saber tem as unhas bem cortadas, não cospe no chão, não diz palavrão ...

Lá no último banco uma pombinha começou a rir e cochichou com a amiguinha perdiz:

— Ih! Ih! Ih! Ontem Dona Coruja veio com o bico sujo de ovo, com o sapa-

to todo embarrado A perdiz acrescentou:

— Olha as unhas dela como estão compridas. Faz duas semanas que ela está usando aquele esmalte cor de vinho, e já está todo caindo.

— Outro dia ouvi ela dizer um palavrão para o marido. Ele ficou danado e cuspiu no chão. E quando nossa aula terminou, ela estava com as unhas roídas até sangrar.

A raposinha disse alto para a professora:

— Mas papai sempre diz que eu preciso ir à escola para me preparar para a vida. Será que só decorando a tabuada, aprendendo gramática e estudando Geografia eu vou vencer na vida?

Outra raposinha disse:

— Aqui nunca aprendemos como roubar laranjas do quintal do Fernando, como descobrir quando existe uma arapuca, como se defender dos caçadores, como fazer para roubar galinhas.

A lagartinha disse:

— Pois é, eu gostaria de descobrir quando o trigo tá envenenado, como fazer para me tornar borboleta. Já tô cheia de ver mamãe voar e eu não. Gostaria também de ter asas.

Dona Coruja cortou a conversa:

— Terminou a aula. Agora, desenho livre.



MINHA FILHA, VAMOS DEPRESSA QUE LA' NA FRENTE TEM MUITO SOJA NOVO PRA' GENTE COMER. DEVE ESTAR BEM FRESQUINHO, BEM VERDE, GOSTOSO. EU JA' ESTOU COM AGUA NA BOCA...

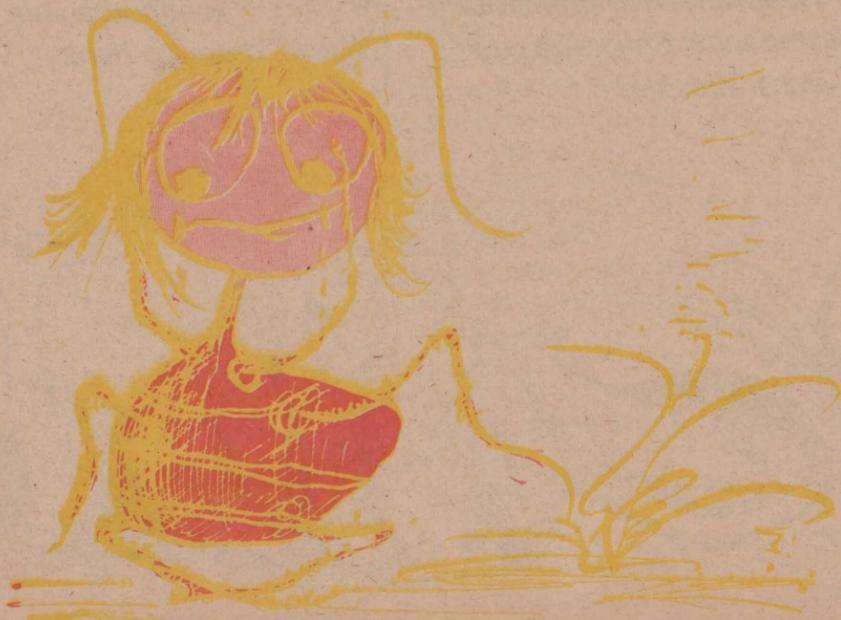


MAS, MAMAE, SERA' QUE NAO DUSERAM YENENO NAQUELE SOJA? ...



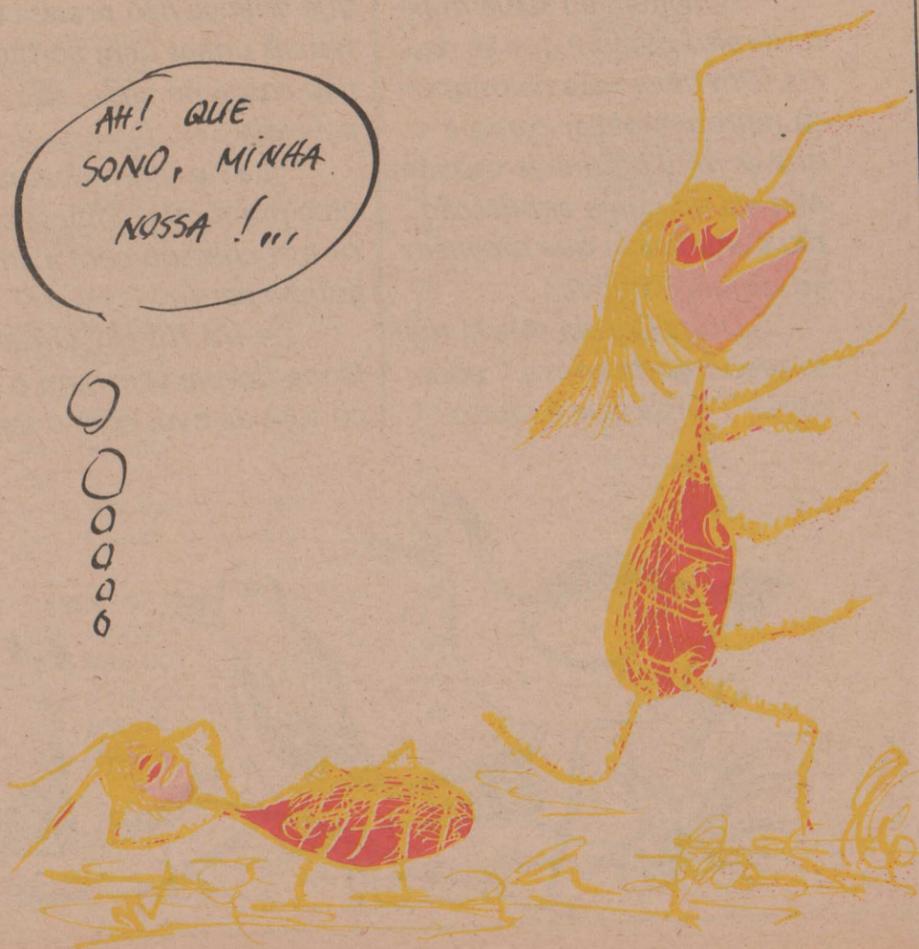
QUE NADA, FILHA. OS HOMENS SAO BURROS.

COM ESTAS RECORDACOES A MAE SENTOU E COMEÇOU A CHORAR. DE FATO, A FILHA TINHA RAZAO, FOI POR UMA INGENUIDADE DESTAS QUE ELA PERDERA O GRANDE AMOR DE SUA VIDA.



MAS A MAE NAO RESISTIU AO PASTO VERDE. E FOI MAIS RESOLVIDA DO QUE NUNCA.

AH! QUE SONO, MINHA NOSSA! ...



NÃO VOU!
NÃO VOU! E
NÃO VOU!

VAMOS, FILHA, SENÃO TE SURRO.

JÁ DISSE QUE NÃO VOU.
UMA VEZ MATARAM PAPAI NUM
PASTO BEM FRESQUINHO.
PENSA QUE VOU CAIR NUMA
FRIA DE NOVO?! ...

NO DIA SEGUINTE A MÃE
AMANHECEU MORTA.

POIS É! E DEPOIS DIZEM
QUE INSETICIDA JÁ ERA! ...

MORAL

EM 1975 AS FORMIGAS
SERÃO MUITO MAIS
INTELIGENTES.



livroslivroslivroslivroslivroslivros

Para quem gosta de aventuras, queremos indicar dois livros de Lúcia Machado de Almeida: "As aventuras de Xisto" e "Xisto no espaço".

(Editora Brasiliense)

Do livro "As aventuras de Xisto", a autora fala: "O herói, Xisto, é um cavaleiro andante, solto pelo mundo a consertar malfeitos, vencendo perigos não pela força bruta, mas pelo raciocínio, coragem e inteligência." Não vamos contar o que acontece no livro, mas apenas dar alguns dos subtítulos do livro para despertar a curiosidade de vocês: — O manual secreto... À procura de feiticeiros... O homem planta... A fumaça que fazia rir... O cavaleiro sem cabeça... O homem invisível...

No livro "Xisto no Espaço", Xisto e seu amigo Brutos visitam planetas desconhecidos. Mil surpresas, imprevistos e perigos os aguardam. Será que eles conseguem retornar à Terra?

Certa vez Xisto construiu um exército de gigantes monstros e com eles conseguiu espantar os guerreiros de Mirtofredo o Terrível



PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS

- 1 - "Braço" do passarinho
- 2 - Música
- 3 - Conjunto de 12 meses
- 4 - Onde se enfia a mão ou o dinheiro
- 5 - Feminino de ele
- 6 - Aqui

- 7 - Aquele que ara
- 8 - Passar cola
- 9 - Contrário de voltar
- 10 - A "pata" do homem
- 11 - Saudação de trás prá frente e de frente prá trás
- 12 - Feminino de "o"

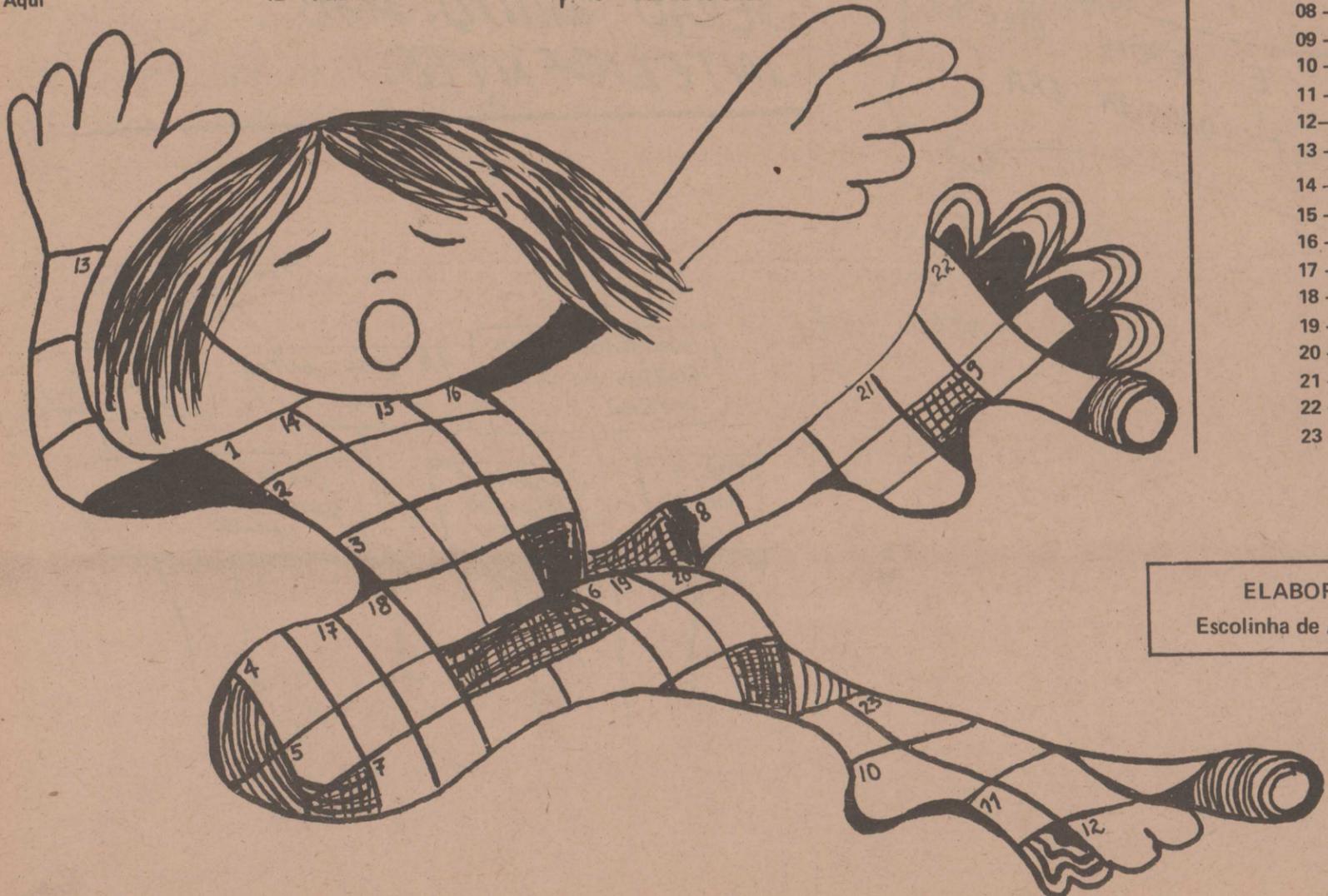
VERTICAIS

- 13 - Olhar
- 14 - O que as aves usam para voar
- 15 - vontade de dormir
- 16 - Presente do verbo amar
- 17 - Saudação
- 18 - Casa
- 19 - Que dá colorido

- 20 - Vento
- 21 - Satélite da terra
- 22 - Onde corre água
- 23 - O que pertence a ela

Respostas (leia de trás prá frente)

- 01 - asa
- 02 - mos
- 03 - ona
- 04 - cslob
- 05 - ale
- 06 - ác
- 07 - rodara
- 08 - raloc
- 09 - ri
- 10 - ép
- 11 - alo
- 12 - a
- 13 - rev
- 14 - sasa
- 15 - onos
- 16 - oma
- 17 - alo
- 18 - ral
- 19 - roc
- 20 - ra
- 21 - aul
- 22 - oir
- 23 - aled



ELABORAÇÃO:
Escolinha de Arte da Fidene